

2

PÁGINA

Internet, indiscrição e
transparência
*Ruan Sales de Paula
Pinheiro*

*Entrevista com
Lindsay Ferris*

3

PÁGINA

Para conhecer o
impacto das redes
sociais
Danilo Rothberg

4

PÁGINA

O inverno
latino-americano
Luis Horacio Nájera

FÓRUM

INFORMAÇÃO E PODER NA REDE MUNDIAL

O início do século XXI está marcado pela revolução que a internet provoca no mundo. Esta edição enfatiza principalmente a dimensão sociopolítica dessa transformação. Os estudiosos apontam aspectos positivos, como a ampliação do acesso aos dados mais variados e a ascensão das redes sociais, que podem contribuir para que os governos se tornem mais transparentes e sujeitos a demandas populares. No entanto, o novo panorama também está repleto de problemas, como a invasão da vida privada, a superficialidade da maior parte das informações que circulam pela rede e a baixa qualidade média dos debates políticos no ciberespaço. Além disso, é preocupante a censura e a intimidação que muitos governantes e grupos movem contra seus opositores internautas. A publicação deste Fórum deve muito ao trabalho da professora Heloisa Pait, da Unesp de Marília, que, além de realizar a entrevista com a consultora de Política Internacional Lindsay Ferris, orientou a produção dos artigos dos especialistas. Os textos, aliás, já foram publicados no *Estadão Noite*, serviço do jornal *O Estado de S.Paulo* para assinantes que têm tablets.



INTERNET, INDISCRICÃO E TRANSPARÊNCIA

Ruan Sales de Paula Pinheiro

A pesar de todo o entusiasmo despertado pela internet, invenção saudada com eufóricas referências à aniquilação do tempo e do espaço, muitos dos grandes efeitos atribuídos a ela já haviam sido sentidos bem antes com o surgimento do telégrafo. Foi ainda no século XIX, logo após receber seu primeiro telegrama, que o então ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Lord Palmerston, exclamou em tom de lamento o fim da diplomacia: já àquela época, a comunicação quase instantânea entre longas distâncias tornaria os diplomatas redundantes.

Os efeitos realmente inéditos da internet são menos alardeados e não tão evidentes. Como destacou McLuhan, nos adaptamos distraidamente aos meios, acatamos simplesmente seus pressupostos que configuram e controlam “a proporção e a forma das ações e associações humanas”. No caso da nova rede mundial, a facilidade e instantaneidade da pesquisa e do acesso a informações, a ampliação exponencial da capacidade de armazenamento de dados e a rapidez e alcance de sua divulgação são pressupostos já assimilados por toda uma geração de usuários. E é justamente essa assimilação que condiciona a formação de indivíduos cada vez menos reverentes ante aquilo que lhes é ocultado.

[...]

Em *Memórias de um sargento de milícias*, de 1852, Manuel Antônio de Almeida apontava a curiosidade das pessoas quanto à intimidade alheia como um costume da época: “sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto”, contava o narrador. [...]

Hoje, certamente pode-se descobrir muito mais e mais rápido digitando nomes em sites de busca e vasculhando perfis em redes sociais [...]. [...] Diferentes níveis de sociabilidade são afetados, da amizade à relação comercial, pelo impacto da internet sobre a dinâmica ocultação/revelação. E pelo menos uma grande questão emerge: Até onde o indivíduo pode ir ao tentar impedir que outros descubram aquilo que pretende ocultar? É válido, por exemplo, barrar o livre fluxo de informações na rede em prol da privacidade de alguém? Certamente não há consenso.

Porém, quando o cioso de suas informações é o Estado, e não o cidadão, o “espírito de nosso tempo” parece mais inclinado a aclamar a transparência e condenar o segredo. Muito embora o inte-

resse pelas ações do Estado seja deveras recente. No Antigo Regime os súditos rendiam reverência quase mística aos “mistérios dos reis”, negando qualquer interesse em conhecê-los; e até o início da Grande Guerra, em 1914, poucas pessoas sentiam curiosidade acerca dos muitos tratados secretos celebrados ou os achavam condenáveis. [...]

Vemos hoje a profusão de Leis de Acesso à Informação, a ascensão de grupos de pressão em defesa dos dados abertos, militantes que requerem transparência total dos governos e vazamentos em massa de segredos de grandes potências. A internet e as novas tecnologias estão no cerne desse movimento, uma vez que criam a demanda por mais transparência, ao mesmo tempo em que se apresentam como os meios para que essa demanda seja atendida.

Perspectiva de exposição promete impor alguma moralização à prática política, mas escândalos podem se tornar banais

O poder teima em se esconder, evita o quanto pode o diálogo e o escrutínio público, mas não pode prescindir dos novos meios, e ainda não consegue dominá-los como fez antes com a imprensa, o rádio e a televisão. Por enquanto, a perspectiva de súbita exposição promete ainda impor alguma moralização à prática política, mas escândalos podem também se multiplicar e se tornar banais. Ora, a tecnologia impulsiona o avanço da indiscrição e da transparência, mas realmente não determina o resultado final dos processos. O tempo dirá.

Ruan Sales de Paula Pinheiro é mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unesp/Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 8 de outubro de 2014.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/internet-indiscricao-e-transparencia/>>.



Caio Domingues

A LUTA PARA ABRIR A “CAIXA-PRETA” DOS GOVERNOS

LINDSAY FERRIS
Por Heloisa Pait

Consultora de Política Internacional, Lindsay Ferris atua no projeto Money, Politics and Transparency (Dinheiro, Política e Transparência), do Departamento de Desenvolvimento da Fundação Sunlight (<http://sunlightfoundation.com/>), instituição sem fins lucrativos baseada em Washington, D.C. Nascida na Virgínia do Norte, Lindsay possui bacharelado em Russo e em Filosofia pela University of Virginia.

JORNAL UNESP: Qual é a sua visão do papel da Fundação Sunlight e do site Open Congress (<http://www.opencongress.org/>) na consolidação da democracia?

LINDSAY FERRIS: Para a Fundação Sunlight, disseminar as barreiras que impedem a comunicação dos cidadãos e das ONGs com o governo é essencial. Temos consciência de que, uma vez que fazemos com que a coisa fique mais clara e aberta, alguns passam a enxergar nisso uma oportunidade para dialogar, enquanto outros aproveitam a situação para monitorar o governo. O que fazemos é fornecer aos cidadãos e às ONGs a oportunidade de fortalecer sua influência por meio das informações que constituem seu direito dentro de uma democracia e, em última instância, proporcionar-lhes a possibilidade de utilizar tais informações da maneira como julgarem melhor enquanto agentes participativos. Por meio do OpenCongress e do OpenStates, buscamos incentivar os cidadãos a assumirem um papel mais participativo na democracia, além de fazer com que eles se informem mais sobre o que está acontecendo no Congresso. Também nos empenhamos em promover a fiscalização colaborativa das atividades governamentais. Um de nossos experimentos iniciais foi um site chamado PublicMarkup (<http://www.publicmarkup.org/>), no qual podíamos postar modelos de projetos de lei que vinham sendo elaborados por nossa equipe política. Foi dessa forma que se chegou a um projeto que acabou por influenciar a aprovação do Disclose Act, em 2012, um projeto de lei que exigia transparência em relação à circulação de dinheiro no meio político com base na decisão da Suprema Corte norte-americana em relação à organização Citizens United contra a Comissão Eleitoral Federal.

JU: Como funciona o programa internacional da Fundação Sunlight?

LINDSAY: Pelo Programa Internacional da Sunlight, trabalhamos para expandir o acesso à informação governamental internacional por meio do compartilhamento de conhecimento, competência técnica e capacidade com outras organizações



Apoiamos iniciativas relacionadas a transparência econômica na política, dados abertos, transparência legislativa e licitação pública

ao redor do mundo que almejam objetivos semelhantes. Nosso objetivo é prover informações para esses grupos no sentido de proporcionar maior conhecimento das normas de política global, para mostrar como o acesso à informação pode funcionar com representações políticas mais transparentes. No passado, essas colaborações tomaram diferentes formas, desde a convocação de advogados de transparência no International Transparency Camp (<http://sunlightfoundation.com/blog/2014/06/19/a-global-perspective-on-transparencycamp-2014/0>) para o intercâmbio de conhecimento até o intercâmbio (<http://sunlightfoundation.com/blog/2014/08/13/apply-for-sunlights-2014-international-exchange-program>) no qual auxiliamos a implementação de projetos de interesse, além do Global Advocacy Campaigns (<http://sunlightfoundation.com/blog/2014/09/18/sunlight-opengov-groups-call-on-legislatures-around-the-globe-to-embrace-open-data>) para auxiliar grupos em nível nacional a contar suas legislaturas. Apoiamos iniciativas relacionadas à transparência econômica na política, dados abertos, transparência legislativa e licitação pública. Um dos maiores desafios com os quais nos deparamos nos países em que atuamos é a falta de dados confiáveis, seja de fontes do governo ou de outras origens. Normalmente não há um clima de publicação proativa de informações e nossos parceiros precisam recorrer a meios mais criativos para reunir conjuntos de dados úteis, incluindo crowdsourcing.

Tradução: Caio Rolim e Carlos Arantes

PARA CONHECER O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS

Danilo Rothberg

O alegado poder das redes sociais on-line para fortalecer a mobilização off-line parece indiscutível. É possível identificar dois truísmos permeando o debate sobre o assunto. De acordo com o primeiro, a internet foi capaz de revolucionar o modo de ação e organização dos movimentos sociais [...]. De acordo com o segundo truísmo, as redes foram capazes de encorajar o engajamento cívico e ampliar a formação para a cidadania, ao disseminarem informações úteis para a livre construção de opiniões.

[...]

Em relação à primeira crença, as descobertas são, em certa medida, conclusivas e apontam que as tecnologias têm sido, sim, empregadas de forma eficiente para arregimentar pessoas até então desengajadas da vida pública. Se antes seu consumo de mídia era fonte de evasão e entretenimento, após o ingresso em redes virtuais de protesto e reivindicação seu comportamento se alterou, e elas passaram a atentar para as temáticas que suscitavam tanto interesse de crescentes camadas da sociedade. [...]

Mas permanece como uma questão em aberto se esse cenário significa realmente um avanço em termos de politização. [...] Pesquisas de avaliação da qualidade das trocas comunicativas indicam que tendem a ser minoritários os comentários efetivamente interessados na construção de um debate sadio, respeitoso e com referências objetivas às políticas em exame. Mais comuns são as expressões de repúdio, ilações sem lastro e ofensas, quando não manifestações de ódio. Em síntese, a evidência científica sugere que, sem um instrumento adequado de moderação dos fóruns on-line, exercida ativamente de modo a incentivar posições refletidas e coibir abusos, a conversação on-line não se caracterizará necessariamente pelo debate saudável e construtivo.

Já em relação ao segundo truísmo, as pesquisas, embora incipientes, sugerem que a qualidade da informação disseminada on-line tem variado muito em termos de profundidade e abrangência. Movimentos sociais de origem recente, de defesa de políticas de habitação e transporte público, por exemplo, têm adotado táticas utilizadas por organizações ambientais estabelecidas, que favorecem a difusão de perspectivas fragmentadas, que fazem sentido somente no interior de visões particulares e nem sempre se susten-

tam no ambiente aberto da luta democrática. Muitas vezes, a própria contribuição da comunicação pública proveniente dos governos se revela insuficiente para fundamentar os debates on-line. A consequência tende a ser a existência de um ambiente de informação supérflua e superficial [...]. Paradoxalmente, à medida que a sociedade atual exige a compreensão de cada vez mais relações de interdependência e subordinação de difícil apreensão, mais ralo se torna o cenário público no qual adquirem visibilidade as diversas posições em competição pela oferta das soluções teoricamente mais cabíveis. E isso a despeito do avanço da tecnologia, sobre a qual tantas esperanças de revitalização democrática foram depositadas.

Qualidade da informação disseminada on-line tem variado muito em termos de profundidade e abrangência

Finalmente, ainda há evidências científicas da influência de um dado ambiente on-line sobre as atitudes de seus usuários. Se, ao acessar uma rede, o usuário encontra mensagens caracterizadas por determinado estado emocional, tenderia de alguma forma a incorporar aquele caráter às suas próprias postagens. O efeito de contágio emocional seria real, o que recolocaria o papel da moderação dos fóruns, a ser exercida por quem busque gerir uma rede social com a preocupação de evitar que ela se torne um instrumento de disseminação de valores pouco compatíveis com o amadurecimento da democracia.

Danilo Rothberg é vice-coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faac/Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* dia 1º de outubro de 2014.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/para-conhecer-o-impacto-das-redes-sociais/>>.

O INVERNO LATINO-AMERICANO

Luis Horacio Nájera

“Se nós queremos que as coisas fiquem como estão, tudo terá que mudar.” Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *O leopardo*¹

Quase quatro anos depois do início da Primavera Árabe e sua revolução sociomidiática no Oriente Médio, parece que ainda é inverno na América Latina.

A grande mas econômica e socialmente excluída população latino-americana é caracterizada por sua juventude², violência difundida³, economia estagnada⁴ e corrupção desenfreada⁵, bem como pela expansão massiva da internet móvel e das redes sociais⁶. Esses fatores, no entanto, ainda não foram suficientes para potencializar completamente as sociedades civis do México ao Brasil. Além do mais, acredita-se que o fortalecimento da sociedade civil na América Latina tem sido dificultado pelas estruturas de poder formais e informais, que legal e ilegalmente estão afunilando as manifestações digitais de queixas sociais, e, portanto, evitando desafios significativos para o status quo.

Do movimento deflacionário mexicano #Yosoy132 (Eu sou 132) depois das eleições federais de 2012⁷ ao cyber-assédio de políticos e jornalistas na Venezuela pelo grupo pró-Chavez N33⁸, a versão latino-americana do conceito lampedusiano de “mudar e manter” é igualmente utilizada por ambos os lados do espectro ideológico no governo, assim como por agentes não governamentais. [...]

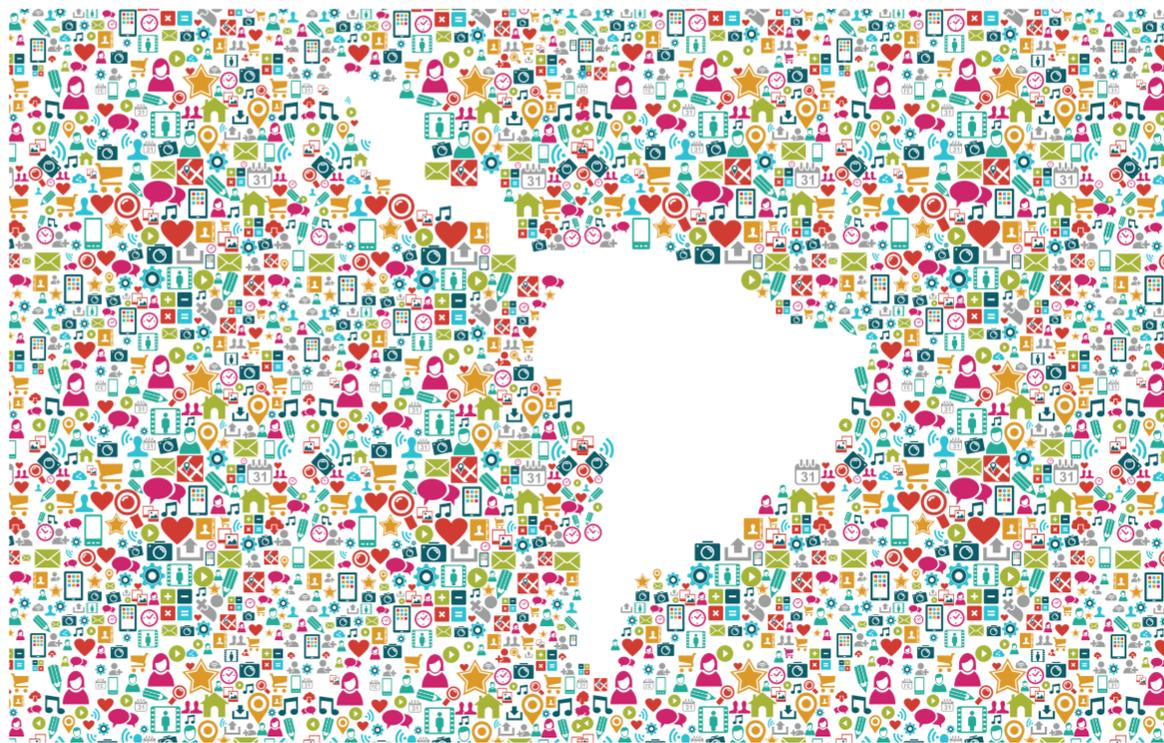
O DILEMA LATINO-AMERICANO

As dinâmicas de poder na região da América Latina foram remodeladas pela transição de regimes militares ou totalitários para governos civis⁹, bem como por passar de economias dirigidas pelo estado para mercados livres, abertos e globais, que, embora tenham criado desenvolvimento regional, também trouxeram o que Marcus J. Kurtz chamou em 2004 de “os dilemas da democracia na economia aberta”. [...]¹⁰.

Portanto, o paradoxo latino-americano do desenvolvimento econômico enquanto “pulverizador” de democracia criou “zonas cinza de políticas semidemocráticas” que resultam da estagnação econômica, dos altos e baixos dos preços de produtos internacionais e do peso conjunto de estados fracos e sistemas partidários¹¹. Além disso, os governos na região encaram o “dilema do ditador” ou o desafio dos regimes não democráticos ou quase-democráticos de como beneficiar-se da economia global sem renunciar ao controle doméstico depois da explosão de TICs [Tecnologias de Informação e Comunicação], particularmente de redes sociais como o Twitter ou Facebook¹². Como resultado de anos de crescimento econômico e “zonas cinza”, o engajamento social decaiu. De 2003 a 2009, o tamanho da classe média na região cresceu em 50%, enquanto a proporção de pessoas vivendo na pobreza caiu de 44% para 30%¹³. [...] De fato, aqueles que se identificaram como classe média na América Latina são menos propensos a participar de protestos, ligeiramente mais engajados ao votar e menos politicamente tolerantes que aqueles que se identificaram como classe baixa¹⁴.

AFUNILANDO A MENSAGEM

Desse modo, para manter o status quo, o estado está recorrendo à “sala de máquinas”, ou o núcleo do maquinário democrático, a Constituição, para propor uma restrição a liberdades políticas com o intuito de assegurar o desfrute de uma li-



Caio Domingues

berdade econômica mais ampla, estabelecendo limites físicos, legais e econômicos ao acesso à internet, enquanto a liberdade de expressão online é ainda um trabalho em andamento. Restrições legais são complementadas com uma reforçada doutrina de segurança, refletida no crescente gasto com despesas militares na região, incluindo a compra por parte da Venezuela de satélites chineses capazes de interceptar e coletar comunicações eletrônicas, o programa de identificação biométrica da Argentina, ou a expansão do México em relação a tecnologia e softwares de fiscalização eletrônica através da intervenção de qualquer aparelho conectado à internet, similar à utilizada por regimes autoritários no Oriente Médio para censurar e almejar civis. [...] Há uma relação íntima entre o ciberespaço e a democracia. De acordo com Robert A. Dahl, os requerimentos mínimos das instituições políticas para um país democrático são: representantes eleitos; eleições frequentes, justas e livres de custo; liberdade de expressão; acesso a fontes alternativas de informação; autonomia associacional; e cidadania inclusiva. Sendo assim, um terço dos fundamentos básicos da democracia moderna está relacionado ao acesso, disseminação e troca de conteúdo que influencia a interação entre governados e governo. [...] Infelizmente, a falta de confiança entre o governo e a sociedade civil, e até mesmo entre civis, é uma questão histórica por resolver na América Latina.

De fato, a reconstrução da confiança na sociedade civil através de interações digitais e tradicionais pode ser finalmente um bom passo em direção a novos tempos.

1 - Archibald Colquhoun, trans., *The Leopard*, Reissue edition (New York: Everyman's Library, 1991).

2 - Economic Commission for Latin America and the Caribbean, Regional Overview: Latin America and the Caribbean, Facts, United Nations Inter-Agency Network on Youth Development (Economic Commission for Latin America and the Caribbean, n.d.), <<http://www.un.org/esa/socdev/documents/youth/fact-sheets/youth-regional-eclac.pdf>>

3 - *Seguridad Ciudadana con rostro humano: diagnóstico y propuestas para América Latina* (New York, NY: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2013), <<http://www.undp.org/>

<<http://www.undp.org/content/dam/rblac/img/IDH/IDH-AL%20Informe%20completo.pdf>>

4 - George Gray Molina, “Inequality is stagnating in Latin America: Should we do nothing?”, *The Guardian*, August 27, 2014, sec. Global Development Professionals Network, <<http://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2014/aug/27/inequality-latin-america-undp>>

5 - Transparency International, *Corruption Perceptions Index 2013* (Berlin, Germany: Transparency International, 2013), <http://www.transparency.org/whatwedo/pub/cpi_2013>

6 - Ryan Salzman and Alan B. Albarran, “Internet use in Latin America/El uso de internet en América Latina”, *Palabra-Clave* 14, n. 2 (December 2011): 297–313.

7 - Jose Candón Mena, “Movimientos por la democratización de la comunicación: los casos del 15M y #Yosoy132”, *Razón y Palabra* 82, n. Marzo-Mayo 2013 (May 2013): 21.

8 - John Otis, *Pro-Government hackers hound Venezuelan journalists: Special report* (Caracas, Venezuela: Committee to Protect Journalists, August 29, 2012), <<http://cpj.org/reports/2012/08/pro-government-hackers-hound-venezuelan-journalist.php>>

9 - Samuel P. Huntington, *The third wave: democratization in the late twentieth century* (University of Oklahoma Press, 1993).

10 - Marcus Kurtz J., “The dilemmas of democracy in the open economy: lessons from Latin America”, *World Politics* 56, n. 2 (January 2004): 262–302.

11 - A.M. Bejarano and Helen Kellogg Institute for International Studies, *Precaious democracies: understanding regime stability and change in Colombia and Venezuela*, From the Helen Kellogg Institute for International Studies (University of Notre Dame Press, 2011), <<http://books.google.ca/books?id=335PYgEACAAJ>>

12 - Christopher Kedzie, *Communication and democracy: coincident revolutions and the emergent dictators* (PhD dissertation, Rand Corporation, 1996).

13 - *Economic mobility and the rise of the latin american middle class*, Latin America and Caribbean Studies (The World Bank, 2012), <<http://elibrary.worldbank.org/doi/abs/10.1596/978-0-8213-9634-6>>.

14 - Charticle: Assessing the impact of the new middle class on politics and democracy, accessed September 30, 2014, <http://americasquarterly.org/charticles/charticle_new_middle_class.html>

Luis Horacio Nájera é um jornalista mexicano em exílio no Canadá desde 2008, após ter fugido de seu país devido a ameaças de morte pelo crime organizado e membros corruptos do governo. @Najera13 luishoracio.najera@mail.utoronto.ca

Tradução de Andressa Ribeiro do Amaral e Caio Rolim.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* dia 6 de novembro de 2014.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/porta#1/debate-academico/o-inverno-latino-americano/>>.



2 O papel da educação a distância na formação continuada do docente

12 Professores e Editora Unesp estão entre premiados no Jabuti 2014

15 Projeto para cadeira de rodas motorizada conquista Prêmio Santander



jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXVIII • NÚMERO 306 • DEZEMBRO 2014



CULTURA A TODO VAPOR



Circulação de livros e revistas entre Brasil, Portugal, França e Grã-Bretanha ao longo do século XIX revela os sinais das primeiras etapas do processo de globalização em campos como a literatura e o jornalismo, sob o impulso do navio a vapor e de outros avanços tecnológicos. **páginas 8 e 9.**

Ilustração Alexander C. Coelho

4 Grandes eventos podem ser incentivo para prática esportiva nas escolas

15 Agência Unesp de Inovação comemora cinco anos com saldo positivo

12 Convênio com Ministério Público estimula pesquisa e formação profissional

Redes da política
Os benefícios e riscos que a expansão da internet semeia na esfera da atividade política



Educação a Distância (EaD) na formação continuada de professores

É necessário avaliar a efetividade da EaD e dos cursos semipresenciais na área da graduação

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini

Em 2007, tive aprovado o Curso de Aperfeiçoamento na Rede de Formação Continuada da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva para professores, por meio de um Edital do MEC. De lá para cá, foram seis edições, totalizando até 2013 um trabalho com quase 5 mil professores.

As turmas eram compostas de 25 alunos. Todos professores da educação básica, de norte a sul do país. Da primeira para a última versão, minha concepção de EaD mudou totalmente. Primeiro, aprendi e constatei que essa possibilidade de ensino requer muito mais do que postar textos no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). [...] O maior destaque, segundo os participantes, estava voltado para o conteúdo trabalhado de forma articulada com o cotidiano escolar e a mediação pedagógica realizada pela equipe de professores e tutores.

Vários depoimentos destacaram a interação realizada, afirmando ter sido mais intensa, inclusive, que alguns cursos presenciais. Destaco, para além da flexibilidade, a possibilidade de os professores aprimorarem seus conhecimentos na área das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). [...] Essa aprendizagem foi relatada como sendo tão importante quanto os conteúdos da educação especial trabalhados no curso.

[...] O início do século XXI é sinalizado pela transformação espaço-temporal, pela mobilidade funcional, a globalização econômica, o impacto das TDIC em todas as áreas da atividade humana, “a provisoriade do conhecimento e pela evolução da ciência. Tais transformações evidenciam, de um lado, a fragilidade da formação inicial como garantia do emprego e, de outro, a necessidade de aprendizagem permanente e ao longo da vida para a participação ativa na sociedade e a inclusão social” (ALMEIDA, 2010, p. 68).

Hoje na coordenação de curso de especialização oferecido pela Unesp para professores da educação básica da Secretaria de Estado da Educação de São



Atividade transmitida em um dos cursos do Nead: ensino apoiado em tecnologias digitais

Paulo (SEE/SP) na modalidade semipresencial, dentre os diferentes depoimentos do curso, quero compartilhar dois deles.

Um diz respeito à questão da acessibilidade:

Olá, estimados responsáveis pelo curso E. E. DV:

Quero imensamente agradecer em relação à d04 pelos seguintes itens:

1/ Acessibilidade completa na atividade 1, principalmente no jogo, muito divertido! [...]

2/ O vídeo foi ainda melhor. A audiodescrição está cada vez melhor!

Muito obrigado.

Forte abraço. P.S. Por favor, considerem essa acessibilidade da d04 em todas as demais disciplinas. [...]

Esse trabalho só foi possível mediante a troca de expertises de diferentes profissionais, preocupados com a qualidade do conteúdo a ser oferecido, bem como com a acessibilidade, pois esse é um curso que versa sobre Educação Inclusiva e não poderia ter práticas excludentes.

O segundo é parte do relato de outra professora...

Primeiramente, queria parabenizá-los pelo excelente curso que a Unesp está nos oferecendo e também expressar minha alegria e satisfação

por estar realizando um curso de especialização a distância de tão alto nível, com um impecável domínio e abordagem metodológica. [...] Confesso que, no início do curso, procurei os procedimentos necessários para desistir... fui “arrumando desculpas”. [...] O curso está sendo um “olhar novo” para minha prática em sala de aula, [...] pois nossa formação está relacionada não somente aos aspectos específicos da ciência a que nos dedicamos, mas também pelo menos à iniciação ao desenvolvimento de uma atitude crítica sobre a produção de conhecimento na minha área. Realmente persisti, e vejo agora que realmente valeu a pena, pois estou aprendendo, não só com as atividades, leituras, mas com você [o tutor] e a interação com os colegas e vejo agora como é importante uma construção do conhecimento compartilhado. MEU MUITO OBRIGADA!!

[...] Na atualidade, o método semipresencial vem sendo uma opção intermediária entre as modalidades de educação a distância e a presencial. Minhas reflexões tecidas tomam como base minha experiência com a formação continuada, tanto exclusivamente na modalidade EaD quanto na semipresencial.

Todavia, alguns autores (VALCHEVA; TODOROVA, 2005; LÜCK, 2008; BERTOLIN; MARCHI, 2010) já apontam os benefícios igualmente na formação inicial.

Assim como em cursos EaD, as disciplinas semipresenciais também flexibilizam o processo de aprendizagem em relação ao tempo e ao espaço. Portanto, a semipresencialidade pode agregar ganhos na formação para os alunos de cursos presenciais, tais como: (i) o desenvolvimento da autonomia e da auto-organização, visto que as atividades EaD demandam tais comportamentos e (ii) o desenvolvimento de habilidades no uso das TDIC, que são ferramentas necessárias para um adequado acompanhamento dos conteúdos a distância. [...]

Bertolin e Marchi (2010, p. 145) afirmam que, do mesmo modo que as demais modalidades educacionais, a semipresencialidade demanda sistemas de avaliação adequados com vistas à melhoria da qualidade. [...]

Assim, finalizo afirmando que, para a formação continuada, a EaD atinge plenamente os objetivos; contudo, não deve ser considerada a redentora de todas as mazelas educacionais.

Quando a seu uso em cursos de graduação, penso que a vivência no espaço universitário é vital [...]. [...] Portanto, há que se pensar em pesquisas que avaliem a sua efetividade ou não, e para existência de tais pesquisas é necessário sujeitos que planejem e implementem essa possibilidade de modo ético, coletivamente, com criatividade, pois a educação presencial para formação de professores atualmente oferecida, quase sem exceção, igualmente não atende às necessidades impostas pela sociedade atual e se distancia muito do chão da escola pública. E esse conhecimento já foi produzido e validado pelas diversas pesquisas da área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. de. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line. *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010.
- BERTOLIN, J. C. G.; MARCHI, A. C. B. Instrumentos para avaliar disciplinas da modalidade semipresencial: uma proposta baseada em sistemas de indicadores. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 3, p. 131-146, nov. 2010.
- LÜCK, E. H. Educação a distância: contrapondo críticas, tecendo argumentos. *Educação*, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 258-267, set./dez., 2008.
- VALCHEVA, D.; TODOROVA, M. Defining a system of indicators for evaluation the effectiveness of e-learning. *CompSysTech*, 2005. Disponível em: <<http://ecet.ecs.ru.acad.bg/cst05/Docs/cp/sV/V.14.pdf>>. Acesso em 11 out. 2014.

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini é professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Unesp, Câmpus de Bauru.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://goo.gl/3EJCgT>>.

Tecnologia não garante inovação educacional

Na educação a distância, processo de ensino e aprendizagem envolve questões como participação do professor, interação e material didático adaptado à realidade do aluno, diz especialista

Oscar D'Ambrosio

Na opinião de Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, para ser bem-sucedido na educação a distância, o uso dos recursos digitais como tablets e smartphones deve estar assentado em exigências como a informação adequada do perfil dos alunos, o acompanhamento dos docentes e atividades que problematizam a realidade do estudante e propiciam a construção do conhecimento. Maria Elizabeth é licenciada e bacharel em Matemática pela Unesp, mestre e doutora em Educação pela PUC-SP, com pós-doutorado no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Portugal. Professora associada da PUC-SP, ela desenvolve o projeto Integração de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Básica: Currículo, Mobilidade e Inovação.

Jornal Unesp: Como a inserção de novas tecnologias em educação vem ocorrendo na prática?

Maria Elizabeth: Há duas situações em sala de aula com os dispositivos tecnológicos típicos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), como laptop, netbook, tablet, celular, Ipad, smartphone... Uma delas diz respeito aos dispositivos que os alunos levam consigo e não são incorporados às atividades pedagógicas. Ocorre outra situação quando estudantes e professores portam seus dispositivos tecnológicos e deles fazem uso nos processos de aprendizagem e de ensino, provocando mudanças nas relações entre os participantes e destes com as informações e conhecimentos que estão sendo buscados, articulados e ressignificados. Nesse caso, podemos dizer que temos uma educação midiaticizada pelas TDIC, mas isso não garante a inovação educativa. Conforme sejam as intenções e necessidades implícitas nas situações pedagógicas de uso das TDIC, esse uso pode provocar reduções e descontinuidades



Para estudiosa, não se pode assegurar a qualidade de um processo educativo apenas pela modalidade em que ele se realiza

em relação à consolidação do conhecimento, ou propiciar o compromisso com o acesso e a partilha da informação oriunda de distintas fontes e representada por múltiplas linguagens, a participação, a colaboração, a construção e a sistematização do conhecimento.

JU: Como a senhora vê o ensino a distância?

Maria Elizabeth: Se tratarmos apenas do ensino sem considerar a aprendizagem, estamos diante de mais uma redução em relação aos elementos constitutivos da educação, que pode se desenvolver na modalidade a distância. Se o foco for o ensino a distância, a ênfase recai sobre a produção de material instrucional com o conteúdo a ser ensinado e respectivas estratégias de ensino e sua transmissão dos centros emissores ou instituições de formação para os estudantes que o recebem, estudam e realizam as tarefas propostas. Na educação a distância, é importante considerar quem é o estudante, quais são as suas características e condições de aprendizagem, de quais recursos tecnológicos

ele dispõe para participar de uma atividade educativa, que se torna mais significativa à medida que problematiza a realidade e as situações relacionadas ao contexto dos estudantes. O ensino e a aprendizagem se realizam por meio da interação social, do uso de materiais didáticos, da inter-relação entre informações e conhecimentos, que propiciam a resolução de problemas, a investigação, a construção de novos conhecimentos e sua formalização. Esse processo envolve o acompanhamento e a orientação do professor e é importante considerar as abordagens educacionais mais ativas, abertas e adaptáveis a estudantes com diferentes necessidades, ritmos, trajetórias e lócus de aprendizagem, que têm acesso a distintas fontes de informações e precisam ser considerados em sua unicidade. Diante dessas características, evidencia-se que estamos tratando de educação, seja qual for a modalidade, e não se pode garantir a qualidade de um processo educativo apenas pela modalidade em que ele se realiza. Considerar a educação a distância como a solução para

todos os problemas da educação é um equívoco, do mesmo modo que considerá-la a priori como inadequada.

JU: Como o Brasil trata essas questões?

Maria Elizabeth: A educação a distância no ensino superior brasileiro é recente e tornou-se uma modalidade de educação regular após a LDB de 1996. A partir daí, passou a ser oferecida no ensino superior com um sistema de regulação específico, tornando-se mais acessível para pessoas residentes em locais distantes dos centros de ensino ou que não tiveram condições de fazer cursos presenciais. No âmbito nacional, a EaD se caracteriza por um modelo em que o ensino e a aprendizagem ocorrem mediados pelas TDIC e também por meio de polos de apoio presencial com tutoria para atendimento ao aluno. Por isso, o acesso e a fluência no uso das TDIC da parte de alunos e professores, as condições de infraestrutura, a gestão dos polos e a qualidade da tutoria são elementos essenciais específicos do modelo de EaD,



Maria Elizabeth: é preciso conhecer bem perfil do aluno

que interferem na relação professor-aluno. Esta relação se torna mais complexa porque o professor pode ser representado por distintos profissionais, tanto aquele que detém a autoria sobre o material didático instrucional por meio do qual procura envolver o aluno nos temas de estudo, como quem realiza a tutoria presencial, que se relaciona diretamente com o aluno no polo ou faz a tutoria a distância com a mediação das tecnologias em uso.

Nead

Divulgação

Do estádio para a escola

Legado das Olimpíadas de 2016 para expansão da educação física e da prática esportiva entre estudantes brasileiros é tema de seminário internacional

Marcos Jorge

Shutterstock



Mulheres disputam corrida de obstáculos: principal resultado do evento é uma carta com propostas a ser encaminhadas para o Ministério do Esporte

O efeito das Olimpíadas de 2016 nas escolas do país definiu o horizonte das discussões do Seminário Internacional de Educação Física e Esporte Escolar, realizado no início de novembro, na Reitoria da **Unesp**, em São Paulo. Organizado pelo Ministério do Esporte, pela Universidade de Birmingham, do Reino Unido, e pela própria **Unesp**, o encontro buscou envolver a comunidade acadêmica nacional e internacional na elaboração e apresentação de propostas para o fortalecimento do esporte escolar, tendo em vista a realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

As três instituições envolvidas concordaram que os debates do seminário deveriam culminar com a elaboração de uma carta com propostas direcionadas ao Ministério do Esporte (veja quadro). Atualmente, o documento está sendo escrito pelos organizadores do evento, o professor José Ângelo Barela,

da **Unesp**, Jonathan Grix, da Universidade de Birmingham, e André Arantes, diretor de Esportes de Base e Alto Rendimento da Secretaria Nacional de Esportes de Alto Rendimento.

Arantes também coordena um Grupo de Trabalho (GT) de Legado Educacional Esportivo, o maior interessado nas propostas que chegarão da academia. “Os temas, mesas e discussões foram elaborados exatamente na direção de contribuir com esse GT nas áreas de educação física, promoção da saúde, promoção da excelência esportiva e promoção dos valores. A carta não é algo solto, ela é uma contribuição sistematizada e o principal produto do seminário”, explica Arantes.

O evento reuniu apresentações de docentes de Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido, bem como de representantes da **Unesp**, da USP e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A TV Unesp transmitiu o seminário ao vivo por meio de sua página

na Internet, disponibilizando um chat para a audiência também interagir.

FUNÇÃO DOS EVENTOS

Em termos gerais, a discussão focalizou a realização de grandes eventos esportivos como oportunidade para estruturar a base esportiva do país por meio da prática das várias modalidades na escola, uma questão apontada na abertura do evento pelo pró-reitor de Pós-graduação da **Unesp**, professor Eduardo Kokubun. “Na minha época e de muitos dos meus contemporâneos que estão aqui neste evento, o esporte era algo marginalizado nas escolas. Os grandes eventos esportivos trouxeram um reconhecimento do esporte e da educação física para a sociedade”, afirmou.

Ampliar e estruturar o esporte no meio escolar exige a coordenação de esforços entre Ministério do Esporte e Ministério da Educação, representados na abertura pelo secretário Ricardo Capelli e pela diretora Clarice Traversini,

respectivamente. “No ano passado, foi sancionada a lei que destinará 75% dos royalties do petróleo para a educação. Por isso, é importante investir nossos esforços nessa parceria intersetorial com o Ministério da Educação”, afirmou Capelli.

Em tal parceria, está incluído o programa Segundo Tempo na Escola, que busca promover a prática esportiva para os alunos da educação básica das redes públicas. Entre os especialistas, há um consenso de que a atividade física na infância colabora com o desenvolvimento motor, promove a sociabilidade, os valores e a saúde da criança. Do ponto de vista do esporte de alto rendimento – que exige um grau elevado de preparo físico para sua execução, como o atletismo, por exemplo –, a ampliação e a melhoria da qualidade da base esportiva escolar pode colaborar na identificação de talentos.

LEGADO DE LONDRES

O envolvimento infantil com a prática esportiva foi um dos

principais legados almejados na realização dos Jogos Olímpicos de Londres de 2012 e extensivamente estudados pelos docentes da Universidade de Birmingham, que colaboraram com a coordenação do seminário e estiveram ativamente presentes em suas atividades.

A conclusão dos docentes britânicos, contudo, é que o evento olímpico falhou no sentido de engajar crianças e adolescentes na atividade física. Apesar de um grande esforço publicitário em convidar os cidadãos à prática esportiva e à promoção da saúde, o que se viu num certo momento foi uma corrida às quadras, piscinas e equipamentos esportivos públicos, seguida por uma queda radical na frequência desses espaços. O professor Mark Griffiths aponta a dificuldade de se sustentar um legado para além dos Jogos, citando, por exemplo, a baixa oferta de estruturas esportivas duráveis e acessíveis na capital inglesa.

Segundo o docente da Universidade de Birmingham,

nem sempre é possível ter controle sobre a mensagem que é passada ao jovem. “Existe uma dificuldade grande em transferir a imagem do evento esportivo para uma real mudança de comportamento”, lamenta.

EUA E BRASIL

Um dos painéis do evento tratou da estrutura e das experiências esportivas em outros países, trazendo docentes com pesquisas relacionadas com o esporte no Canadá, na Austrália, na Alemanha e nos Estados Unidos.

A experiência norte-americana foi apresentada pela professora Natalie Smith, que destacou a baixa intervenção estatal e a participação essencial da iniciativa privada e de entidades não governamentais para levantar fundos para o setor.

Natalie aponta que, apesar de o modelo norte-americano ser uma referência mundial, a ausência da centralização federal promove uma organização esportiva caótica, com centenas de entidades atuando de forma quase independente, além de um processo excludente. “O esporte dos EUA segue um modelo de lucro que supervaloriza conquistas e resultados, excluindo da atividade física diversos grupos que acabam caindo no sedentarismo”, explica.

Outra apresentação internacional foi feita pela pesquisadora Veerle de Bosscher, da Universidade Vrije de Bruxelas, na Bélgica. Coordenadora do programa Spliss, Veerle apresentou o projeto que desde 2002 estuda a eficácia da aplicação de políticas públicas para o esporte em mais de 15 países, entre eles o Brasil.

A parte brasileira do estudo vem sendo coordenada pela professora Maria Thereza Bohme, da Escola de Educação Física e Esporte da USP, que também esteve presente no seminário e chamou a atenção para o fato de que o legado olímpico em discussão no evento passa pela eficácia das políticas públicas para o esporte. Segundo Bohme, a estrutura do sistema esportivo – ou a falta dela – limita a eficiência dos investimentos na área.

Entre os problemas estruturais mencionados pela especialista está a falta de comunicação entre os agentes do sistema esportivo, seja a comunicação vertical (entre estados ou entre municípios, por exemplo) ou horizontal (entre os âmbitos municipais, estaduais e federal). “Nós notamos que não está claro, no sistema esportivo brasileiro, qual responsabilidade compete a qual esfera, e isso afeta diretamente a eficiência e o resultado das medidas”, questiona.



Barela enfatiza diálogo do governo com universidades



Participantes do seminário: trocas de experiências na área esportiva entre especialistas de Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido



Seminário foi pensado para gerar propostas, segundo Arantes



Bohme criticou estrutura do sistema esportivo brasileiro



Para Griffiths, legado de Olimpíadas de Londres decepcionou



Nos EUA, iniciativa privada é fundamental, afirmou Natalie

Propostas para Brasília

Desde que foi idealizado pelo Ministério do Esporte, o seminário foi pensado como um espaço para a comunidade acadêmica elaborar propostas para desenvolvimento do esporte escolar que seriam encaminhadas para a esfera federal.

“Muitas vezes, nós achamos que as discussões realizadas na academia ficam longe das decisões do ministério, em Brasília. Esse evento mostra que as autoridades querem buscar o apoio das universidades”, explica o professor José Ângelo Barela, um dos responsáveis pela redação da carta que será endereçada ao Ministério do Esporte.

O coordenador do Núcleo de Esportes da Unesp (veja quadro) afirma que o documento ainda está em fase de finalização, mas destaca os principais indicativos da Carta do Seminário Internacional de Educação Física e Esporte Escolar:

- valorizar e difundir a importância da Educação Física Escolar na formação da criança;
- desenvolver habilidades

motoras de forma geral entre crianças até 12 anos;

- desenvolver talentos em atividades complementares às atividades escolares;
- criar centros poliesportivos com a função de propiciar prática esportiva a todos os interessados; tais centros devem ser organizados em estreita cooperação entre escolas, clubes e municípios;
- iniciar a implantação desse projeto com atividades já em desenvolvimento e expandi-lo de forma organizada e planejada;
- criar mecanismos de avaliação e acompanhamento e, principalmente, com a obtenção e levantamento de dados com base científica;
- promover a capacitação e desenvolvimento de professores e treinadores voltados para a realização dessas atividades e outras relacionadas;
- implementar e melhorar o uso da estrutura esportiva existente nas escolas, promovendo o engajamento de crianças em atividades físicas;
- implementar e incentivar a prática de atividade física para a sociedade de forma geral.

O Núcleo de Esportes da Unesp

No final de 2013, foi criado o Núcleo de Esportes da Unesp (NEU), com a finalidade inicial de fomentar, coordenar e organizar assuntos relativos à prática esportiva na Universidade. Um ano após sua criação, o órgão estendeu consideravelmente sua atuação, em grande parte por conta da realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, em 2016. O evento catalisou parcerias entre o Ministério do Esporte e a Unesp que estão sendo coordenadas pelo núcleo, como o próprio Seminário Internacional de Educação Física e Esporte Escolar. O NEU também integra o comitê organizador do Congresso Olímpico de 2016, que será realizado em Santos (SP), sob a chancela do Comitê Olímpico Internacional (COI) e coordenação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O Núcleo tem a coordenação do professor José Ângelo Barela, do Instituto de Biociências de Rio Claro, e a vice-coordenação de Ismael Forte Freitas Junior, da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. O órgão trabalha agora para enviar a proposta de

criação do Instituto Nacional de Ciência Tecnologia do Esporte em chamada promovida pelo CNPq e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. “Dentro do próprio Ministério do Esporte, existe a demanda pela criação de um centro desse tipo, que forneça esse respaldo tecnológico e colabore na formação de recursos humanos para a área de esporte”, acentua o coordenador. A proposta, de caráter interinstitucional, também envolve USP, Unicamp, Universidade Federal do ABC (UFABC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), além da Universidade de Birmingham e da Universidade Sheffield Hallam, ambas do Reino Unido, e da Vrije University, da Holanda. “Todas essas universidades do exterior nos procuraram para estabelecer parcerias porque querem um parceiro no Brasil que esteja estudando os Jogos Olímpicos no país. De certa forma, o evento já deixou um legado importante para a Universidade”, celebra o professor Barela.

Inovação e acesso ao ensino

Necessidade de agregar tecnologia à sala de aula foi um dos temas de encontro em São Paulo

Marcos Jorge

O Núcleo de Ensino a Distância (Nead) organizou, no dia 12 de novembro, o primeiro Encontro Unesp de Inovação e Acessibilidade no Ensino Superior. Realizado no Ipiranga, em São Paulo, o evento apresentou práticas, tecnologias e iniciativas desenvolvidas pelo núcleo para aumentar o acesso ao ensino.

O desafio de desenvolver uma cultura de inovação na educação foi tema recorrente das apresentações, a começar pelo coordenador do Nead, o professor Klaus Schlünzen Junior. Segundo ele, diante de um mundo conectado e amparado por recursos tecnológicos, a escola tende a se transformar em espaço de diálogo e discussão, uma vez que não é mais o centro nem a principal fonte de informação dos estudantes.

A posição foi compartilhada pelo pró-reitor de Graduação, Laurence Colvara, que apontou a mudança de perfil do aluno



Suelen Magalhães

Schlünzen: escola não é mais principal fonte de informação

que ingressa na universidade. “O estudante de hoje é ativo no processo de aprendizagem, não mais um ser passivo desse processo”, argumentou Colvara, que destacou também a importância de se valorizar a prática docente para ampliar o uso do ensino a distância nos cursos da Universidade.

Outro aspecto da atuação do

Nead envolve a acessibilidade de pessoas com deficiência na educação, tema abordado pelo presidente da Fundunesp, professor Edivaldo Velini, a partir do ponto de vista da inovação. Na sua visão, um dos desafios mais urgentes para o Brasil é a inovação social, à frente inclusive da inovação tecnológica. “As universidades brasileiras e suas

agências já incorporaram e atualmente priorizam a inovação tecnológica. O que ainda necessita desenvolvimento é a inovação social. Nesse ponto, a Unesp está à frente”, comentou.

A professora Elisa Moriya, responsável pela coordenação acadêmica do programa Rede São Paulo de Formação Docente (Redefor), enfatizou o trabalho para formação de profissionais de educação preparados para receber alunos com deficiência. Ela mencionou o curso a distância de Tecnologia Assistiva, que entre 2007 e 2013 formou 5 mil professores.

Elisa assinalou também a elaboração de um manual de acessibilidade para orientar ações de instituições de ensino superior do país e o oferecimento de curso de libras a distância para os cursos de licenciatura da Universidade. “Em dez anos, o Brasil assistiu a um aumento de 600% no número de alunos com deficiência matriculados na

rede pública. A universidade precisa estar preparada para receber esse contingente, que em breve vai chegar ao ensino superior”, lembra.

O evento também serviu para marcar o lançamento de duas iniciativas do Nead: o primeiro Massive Online Open Courses (MooC) totalmente acessível do mundo e o Repositório Digital EduCapes, criado em parceria com a Unesp. O MooC acessível tem como tema a Lei de Diretrizes e Bases e oferece uma série de recursos desenvolvidos pelo Nead para dar acesso a pessoas surdas, cegas ou com baixa visão.

O repositório é um projeto que envolve o conteúdo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o conhecimento técnico do Nead. “Esse repositório está aberto a outras instituições, a fim de trabalharmos em conjunto para disponibilizar um vasto material relacionado à educação”, explicou Jean Marc Mutzig, diretor de Educação a Distância da Capes.

Seminário analisa América do Sul

Encontro no Memorial foi resultado de viagem de estudantes brasileiros a Colômbia e Venezuela

É possível usar geotecnologias, computação e modelos matemáticos para compreender sistemas ecológicos e ainda buscar soluções para a conservação de espécies e processos ecossistêmicos? Um grupo de pesquisadores e alunos da Unesp e da Escola Técnica Estadual (Etec) Professor Armando Bayeux da Silva, de Rio Claro, acredita que isso é possível, se essas ferramentas forem imersas em muito conhecimento biológico.

De março a junho, estudantes de Relações Internacionais de quatro universidades se reuniram para planejar uma viagem à Colômbia e à Venezuela, a fim de conhecer *in loco* a realidade desses países. A visita se desdobrou em um projeto de extensão internacional e interinstitucional e foi o ponto de partida para o Seminário Internacional América do Sul em Perspectiva: Brasil, Colômbia e Venezuela, realizado no Memorial da América Latina, no



Divulgação

Alunos brasileiros na Venezuela: viagem permitiu contato direto com realidade local

dia 11 de novembro.

“Os laços estabelecidos com acadêmicos e estudiosos da América Latina criados nessa viagem foram o ponto de partida para esse seminário”, explica a doutoranda Marília Souza, do Programa de Pós-Graduação Santiago Dantas, promovido por Unesp, Unicamp e PUC-SP.

Marília também é professora do curso de Relações Internacionais das Faculdades Anhembimorumbi, uma das instituições representadas no grupo de 35 estudantes que passou uma

semana em Bogotá e uma semana em Caracas, visitando órgãos públicos, universidades e organizações políticas e sociais. O grupo também contou com alunos da Universidade Federal de Roraima (UFRR), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do Programa Santiago Dantas, além de dois graduandos do curso de Jornalismo da Unesp de Bauru. O convite para a viagem – custeada pelos próprios alunos – partiu do professor Fabio Luis Barbosa dos Santos, da Unifesp.

Um seminário semelhante foi

realizado na Pontificia Universidad Javeriana, na Colômbia, e uma publicação sobre os temas da viagem ainda deve ser lançada. Em São Paulo, o seminário tratou de temas como política exterior, segurança nacional, identidade sul-americana e estruturas de governança. O evento teve apresentações de acadêmicos dos três países, inclusive com transmissões on-line.

Em sua palestra, a professora Karina Mariano, da Unesp, criticou a instabilidade do Mercosul. “Construímos projetos

que dependem dos humores dos governos e que estão sempre correndo risco a cada mudança de gestão, como vimos nas eleições brasileiras neste ano”, afirmou.

José Luis Pimenta Junior, coordenador de Negociações Internacionais e Análise Econômica do Comércio Exterior na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), apontou a importância do grupo do ponto de vista comercial. Pimenta mostrou que o bloco é o primeiro destino das empresas brasileiras quando se internacionalizam, e acentuou também a parcela significativa de exportações de produtos manufaturados para esses países.

Diretor da Pontificia Universidad Javeriana (PUJ), da Colômbia, o padre Edwin Murillo lembrou que acadêmicos em todo o mundo estão querendo estudar a América Latina. “Experiências como essas precisam crescer à medida que conversamos e promovemos encontros”, disse. (MJ)

Mudanças no Sistema Solar

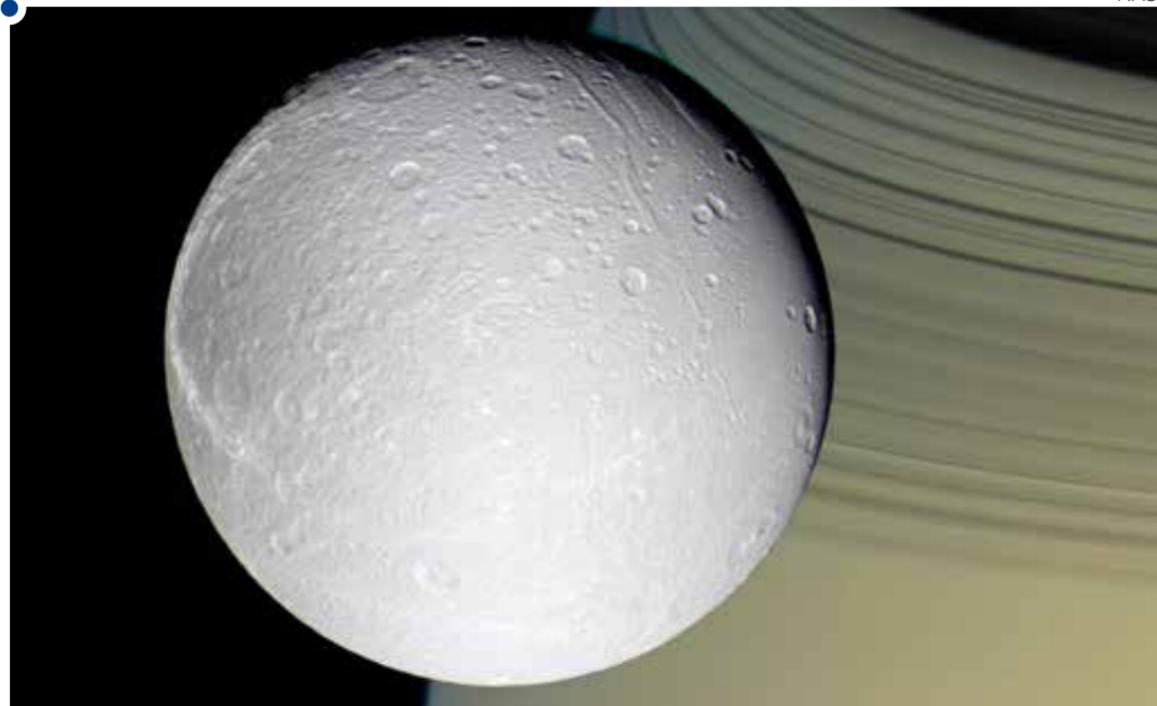
Equipe investiga comportamento de planetas e satélites na chamada migração planetária

Astronomia Dinâmica é uma subdivisão da Astronomia que trata basicamente do movimento e da evolução dinâmica dos corpos celestes. Na **Unesp**, o professor Tadashi Yokoyama lidera um grupo que desenvolve diversas pesquisas nessa área, no Programa de Pós-Graduação em Física Aplicada, vinculado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Câmpus de Rio Claro.

A equipe investiga planetas e satélites no contexto da migração planetária, em que diversos desses objetos sofreram mudanças de posição no Sistema Solar.

Esse processo teve início após o período em que se dissipou o gás do disco estelar que deu origem à Terra e aos demais planetas, há bilhões de anos. Restou, porém, um outro disco, composto de muitos planetesimais, que são objetos sólidos com tamanho até mesmo superior a 100 km que não conseguiram se aglutinar em planetas. Esse disco estabeleceu uma interação gravitacional com os planetas gigantes, fazendo com que Saturno, Urano e Netuno se afastassem do Sol, enquanto Júpiter se aproximou da estrela.

Em meio a essa dinâmica, surgiu a chamada ressonância, um fenômeno que gerou grandes



A lua Dione e, ao fundo, o planeta Saturno: exemplo de satélite com órbita regular

instabilidades, com efeitos como a “expulsão” do Sistema Solar de um possível quinto ou até sexto planeta gigante então existente, troca de posições entre Urano e Netuno e grandes mudanças nas órbitas planetárias.

Segundo Tadashi, os satélites de Urano e Júpiter foram foco de pesquisa recente em parceria com Rogerio Deienno, ex-aluno do programa. “Conseguimos mostrar que todos os chamados satélites regulares de Urano

resistem aos efeitos catastróficos da migração”, explica o docente. Satélites regulares são aqueles mais próximos dos planetas, com órbitas planas e circulares. Há ainda os satélites irregulares, mais distantes e com órbita mais diferenciada – que em geral não suportam os efeitos da migração e são ejetados. “No entanto, da mesma forma que esses são ejetados, novos outros também podem ser recapturados, uma vez que Urano participa

intensamente de vários encontros próximos com outros planetas”, explica o professor.

Deienno concluiu neste ano investigações sobre Júpiter e seus satélites em parceria com pesquisadores do Southwest Research Institute (SWRI), nos Estados Unidos. O programa ainda realiza dois projetos sobre os satélites de Urano. De acordo com Yokoyama, um deles visa explicar como as órbitas desses objetos recuperam suas características de



Tadashi e Deienno: pesquisas em parceria com norte-americanos

satélites regulares – ou seja, planas e circulares – por mecanismos de maré e principalmente de fricção dinâmica, um processo em que a “resistência” apresentada em um certo contexto à órbita mais irregular de um satélite acaba por torná-la regular.

O segundo estudo aborda o satélite Miranda, cuja inclinação é totalmente anômala, já que esse é um satélite regular. “Pretendemos explicar essa anomalia dentro do contexto de migração planetária, ao contrário de outras investigações feitas nas décadas passadas”, comenta Tadashi. Ele ressalta que outras pesquisas do grupo analisam a dinâmica de rotação e o sincronismo dos satélites do Sistema Solar, além de problemas de satélites artificiais, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Ciência exata contra doenças

Dois minicursos mostrarão como matemática e física podem ajudar no controle de males

Ricardo Schinaider de Aguiar

Quando falamos em doenças, logo pensamos em vírus, bactérias, e no que a medicina pode fazer para conter os patógenos. Raramente pensamos, entretanto, em como a física e a matemática podem ajudar. Em janeiro, o ICTP-SAIFR realizará dois minicursos para tratar desses e de outros assuntos. A “Escola de Dinâmica de Patógenos, Mudanças Climáticas e Globais” e a “TV Escola de Biologia Matemática” abordarão modelos matemáticos de ecologia, epidemiologia e como a interferência humana e do clima se relacionam com as doenças.

PARASITISMO

“Perguntaremos aos alunos quais



Populações de *Anopheles sp.* são estudadas por Roberto Kraenkel

problemas lhes interessam mais e os dividiremos em grupos para trabalharem nesses problemas”, diz Graciela Canziane, da Universidade Nacional Del

Centro, da Argentina, uma das organizadoras do minicurso com enfoque em patógenos. “Essa experiência prática fará com que entendam o processo de modelagem matemática, desde a análise de dados até a discussão de resultados.”

Esse curso terá outros convidados internacionais, como Andy Dobson (Universidade de Princeton), Giulio De Leo (Universidade de Stanford) e Mercedes Pascual (Universidade de Michigan).

Compreender como o ecossistema e o clima influenciam o ciclo de vida de um patógeno pode levar a melhorias no tratamento de doenças. Canziane,

por exemplo, discutirá o parasita bovino *Ostertagia ostertagi*, responsável por grandes perdas na produção de carne. “Com modelos matemáticos, tentamos reduzir a frequência de aplicação de drogas e torná-las mais eficientes”, afirma.

BIOLOGIA MATEMÁTICA

Já o minicurso sobre Biologia Matemática abordará temas ligados tanto à ecologia quanto à epidemiologia. O curso será introdutório e interdisciplinar: cerca de metade dos alunos serão biólogos enquanto a outra metade, físicos ou matemáticos.

“O que determina uma epidemia?”, questiona Roberto

Kraenkel, um dos organizadores do minicurso. “Analisamos taxa de infectividade do patógeno, probabilidade de transmissão, duração da doença, entre outros fatores, para tentar chegar a uma conclusão.”

Trabalhos nessa área podem ajudar na elaboração de estratégias contra doenças e epidemias, analisando, por exemplo, as melhores formas de combate e a melhor época para aplicá-las.

Mais informações em
<<http://www.ictp-saifr.org/>>.

AURORA DA GLOBALIZAÇÃO

Colóquio internacional discute circulação de impressos no período entre Brasil, Portugal, França e Grã-Bretanha, entre o final do século XVIII e o início do século XX

Denio Maués

Marc Ferrez



Navios no Rio de Janeiro, no século XIX: navegação transatlântica ajudou a integração cultural de vários países, por meio do transporte de livros e revistas

Podemos considerar que a globalização, esse fenômeno aparentemente tão contemporâneo, surgiu muito antes de nossa época? Alguns pesquisadores mostram que sim, pois já no século XIX observou-se um incremento nas relações entre vários países a partir do crescimento econômico e tecnológico, o que também beneficiou muito um terceiro aspecto: a cultura.

É a partir do viés cultural que um grupo internacional realiza desde 2010 diversos estudos sobre livros e periódicos que circulavam entre Brasil, Portugal, França e Grã-Bretanha, abrangendo as áreas de História, Sociologia e Literatura. Os resultados dessas pesquisas, que integram o projeto “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX”, foram apresentados no final de outubro, em São Paulo, em um colóquio na sede da Editora Unesp. O colóquio chamou-se “Crossings. Travessias. Traverseés”, o que reforça não apenas o caráter multilíngue dessa circulação, mas a forma como ela se dava, ao envolver uma das proezas tecnológicas de então, o navio a vapor.

O recorte temporal dos

estudos, no entanto, abrange um período um pouco maior: da Revolução Francesa (1789) ao início da I Guerra Mundial (1914). “A globalização, que muitos pensam ser algo que se inicia nos anos de 1980, seria a retomada de um processo muito mais antigo, que começou com as navegações e tomou um grande impulso no século XIX”, considera Márcia Abreu, professora de Literatura da Unicamp e uma das coordenadoras do projeto.

Márcia divide a coordenação dos trabalhos com o historiador Jean-Yves Mollier, da Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, que esteve presente ao colóquio, do qual também participou o historiador francês Roger Chartier (veja quadros).

Criado há quatro anos, o projeto hoje conta com seis linhas principais de pesquisa e 50 pesquisadores, além de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão da Unicamp (Faepex-Unicamp) e da Universidade de Versailles.

Além da coordenação geral, Márcia também é responsável

por uma das seis linhas de pesquisa, na área de Literatura; as demais coordenadoras são Lúcia Granja, da Unesp; Orna Levin, da Unicamp; Sandra Vasconcelos, da USP, e Claudia Poncioni, da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Na área de História, Tânia de Luca, da Unesp, coordena uma das linhas de pesquisa.

“Já temos mais de mil páginas escritas”, contabiliza Márcia, que adianta as agendas dos próximos colóquios: Lisboa, em 2015, e Paris, em 2016, quando se dará o encerramento dos trabalhos. “Em Paris, ocorrerá o lançamento de uma publicação com as pesquisas”, complementa.

TEXTO E ILUSTRAÇÃO

O diálogo entre Brasil e Europa no século XIX a partir de impressos periódicos é o foco do grupo coordenado por Tania de Luca. A equipe trabalha com publicações que vão do grande modelo de revista cultural, a *Revue des deux mondes* (Revista dos dois mundos), fundada em 1829 e com textos densos, sem concessões ao entretenimento. “No extremo oposto”, observa Tânia, “estavam revistas como *A Illustração* que, como o nome bem indica, tinham na imagem o seu grande atrativo.”

Com redação e impressão em Paris, *A Illustração* era dirigida por um jornalista português, Mariano Pina, correspondente na capital francesa do jornal fluminense *Gazeta de notícias*. Os exemplares eram enviados quinzenalmente para Portugal e o Brasil, onde estavam seus leitores.

Impressos satíricos também são objeto de atenção, com o estudo da revista francesa *Les guêpes* (As vespas, 1839-1847 e 1853-1855), sob a batuta do escritor Alphonse Karr; a portuguesa *As farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão (1871-72); e a brasileira *Os Ferrões* (1875), com José do Patrocínio e Demerval da Fonseca. “O estudo comparativo das mesmas revela-se emblemático pelo fato de a primeira ser a fonte de inspiração das demais, tratando-se assim de um caso nítido que envolve apropriação e recriação de um gênero literário entre continentes”, conta Tânia.

A proximidade entre Brasil e Portugal também se dava por meio das redes de livreiros dos dois países, de acordo com o grupo coordenado por Lúcia Granja. “Esses livreiros, já no início do século XIX, difundiam de pequenas brochuras a panfletos políticos

e contribuíram para a formação política e cultural do país”, considera Lúcia.

O aspecto econômico dessa mundialização cultural está presente em alguns trabalhos. Dados sobre importação e exportação de impressos no período foram computados, assim como o número de leitores, embora com lacunas. Lúcia observa que não houve um serviço sistemático de arquivo de dados e muito do que havia se perdeu. O pesquisador português João Luís Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa, destaca o peso dos romances para a sobrevivência das editoras portuguesas do período, nas relações comerciais com a França e o Brasil. As vendas ocorriam por meio de assinaturas, correspondentes ou pontos de venda – como os da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro.

ROMANCE E TEATRO

Gênero literário em ascensão no século XIX, o romance também é o tema de estudos do grupo. Além da tríade França-Portugal-Brasil, a Inglaterra tornou-se um componente importante, com algumas peculiaridades: “Na Inglaterra, a importância do livro francês é restrita; na França, ocorre o mesmo em relação aos livros

ingleses”, explica a professora Márcia. “No entanto, romances dos dois países (muitas vezes em tradução) circulavam amplamente no Brasil e em Portugal.”

O professor inglês Shafquat Towheed, da Open University, presente ao colóquio, ressalta o crescimento do número de leitores ingleses no século XIX, que acompanhou o progresso do sistema educacional. Para esse público, além de romances contemporâneos e novas edições de livros como *As aventuras de Robinson Crusoe* (de Daniel Defoe, publicado originalmente no século XVIII), Towheed aponta que alguns autores estrangeiros, como o francês Julio Verne, ganhavam tradução inglesa.

A pesquisadora Vanda Anastácio, da Universidade de Lisboa, tem como objeto de estudo a presença de romances em bibliotecas femininas portuguesas. Vanda investiga a coleção de livros de mulheres de quatro gerações de uma família aristocrática de Lisboa. A principal “personagem” de sua pesquisa, Dona Leonor de Almeida Portugal, não citava os romances entre suas leituras – provavelmente para evitar reprovações públicas –, mas apenas livros de filosofia, moral

e ciências da natureza. Já em sua biblioteca, havia 40 romances, dos quais dez libertinos, de autores como Denis Diderot. “Temos que desconfiar daquilo que o leitor diz que lê”, conclui Vanda.

A circulação de textos e encenações teatrais durante o segundo reinado no Brasil (1841-1890) é o objeto de estudo da professora Orna Levin. “Naquele momento, artistas e empresários europeus procuraram expandir o mercado de trabalho, passando a se apresentar em diversos países, dentre os quais o Brasil. Os espetáculos eram vistos nos palcos e essa dramaturgia, publicada pelas tipografias”, explica.

No Brasil do Império, circulavam companhias vindas, sobretudo, de França, Itália, Espanha e Portugal. Entre as obras publicadas de maior sucesso, estavam operetas musicadas por Jacques Offenbach (1819-1880), algumas traduzidas e adaptadas por Francisco Palha, Eduardo Garrido e Arthur de Azevedo. No time brasileiro, destacam-se os dramaturgos Martins Pena e França Junior, além do próprio Azevedo.

Acompanhando essa movimentação dos palcos, surgiram revistas e jornais



Frequentadores de uma biblioteca e capa da revista *A ilustração*: leitura em alta



Fotos Reprodução

voltados para o mundo da arte. Orna reconhece a dificuldade de se identificar a plateia dos espetáculos em língua estrangeira. “Além da elite brasileira, havia a colônia francesa no Rio, funcionários da diplomacia internacional, comerciantes e marinheiros”, enumera.

IMAGEM E REPRESENTAÇÃO

A pesquisadora Claudia Poncioni coordena o grupo que discute a circulação e a recepção de ideias francesas no Brasil, bem como sua contrapartida, a construção da imagem brasileira na França. “Esses estudos situam o papel de iniciativas individuais em um processo coletivo e transnacional”, explica. Para ela, essa imagem idealizada – por exemplo, a do homem de letras francês como modelo para o brasileiro – é um jogo de espelhos deformantes “que ocorre até hoje, nos dois países”. “Nossos estudos demonstram uma clara evolução entre o período anterior à chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, e o final do século XIX. Ao longo desse século, os europeus afirmam um maior interesse pelo Brasil e, por meio da publicação e da circulação no Velho Mundo de obras sobre nosso país, forja-

-se um imaginário exótico que influenciaria a percepção do Brasil na Europa até nossos dias”, afirma Claudia.

Essa imagem também foi construída, em parte, por traduções feitas no século XIX, material de pesquisa da brasileira Ilana Heineberg, professora da Universidade Bordeaux Montaigne, na França, e da alemã Wiebke Röben de Alencar Xavier, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – ambas integrantes do grupo coordenado por Sandra

Vasconcelos. *O Guarani*, de José de Alencar, é um bom exemplo, pelas publicações que ganhou na forma de folhetim, em periódicos alemães e franceses, e como um simples romance de aventuras na França (sem as notas de rodapé que caracterizam o projeto nacionalista do autor). “É importante compreender o mecanismo de importação de um texto”, diz Ilana, que também estuda as traduções francesas de Machado de Assis e Visconde de Taunay.

Daniel Patire



Tânia coordena estudos sobre periódicos do Brasil e da Europa

Divulgação



Redes de livreiros formam o objeto de estudo de Lúcia

Adriana Bragatin



Jean-Yves Mollier e Márcia Abreu: equipe internacional

Jean-Yves Mollier

Jean-Yves Mollier justifica a abrangência temporal do projeto, que vai do final do século XVIII a 1914: “Foram cerca de 150 anos em que tudo mudou. Houve uma aceleração formidável das trocas culturais, uma verdadeira globalização”. Mollier ressalta que esse fenômeno, “ainda que imperfeito em relação ao século 20, possibilitou a circulação de homens, ideias e mercadorias de forma rápida, com a substituição

dos barcos a vela pelo vapor. O projeto mostra a cartografia dessa circulação transatlântica entre França, Brasil, Portugal e também Inglaterra”. O pesquisador também ressalta que “é importante entender como o centro de gravidade do mundo se desloca. Os impérios nascem, se desenvolvem e morrem. A França teve um passado prestigioso e o Brasil é uma das nações que dominarão o mundo no século XXI”, aposta.

Roger Chartier

No colóquio, o historiador Roger Chartier teve como “missão” a leitura dos 50 trabalhos produzidos pelos grupos de pesquisa e a elaboração de um balanço final, apresentado no último dia do evento. Entre os temas, Chartier destaca a apropriação da imagem brasileira por estrangeiros, por meio de livros de viajantes e textos onde o exotismo é ressaltado. Para o historiador, essa representação, ao chegar no

Brasil, pode sofrer uma reação de crítica ou de incorporação: “Isso ocorre sempre, até hoje, depende do interesse e da ocasião”. Chartier também esteve em São Paulo para o lançamento do livro *A mão do autor e a mente do editor*, publicado pela Editora Unesp, com doze ensaios em que discute a elaboração do livro (desde o texto original até o objeto que chega ao público), tomando como exemplo obras de Cervantes e Shakespeare.



“Missão” de Chartier foi ler os 50 trabalhos já produzidos

Adriana Bragatin

Experiência de sucesso

Evento celebra um ano de funcionamento do Repositório Institucional da Unesp

Cíntia Leone

Todo o conhecimento científico produzido pela **Unesp** e indexado nas bases Web of Science, Scopus e SciELO de 1976 a 2012 pode ser conhecido por meio do seu Repositório Institucional (<http://repositorio.unesp.br>), que comemorou um ano de atividade em 29 de outubro – o Dia Nacional do Livro. O material compõe um acervo com mais de 72 mil documentos, entre livros, teses, dissertações, artigos científicos, trabalhos apresentados em eventos e patentes. A data foi celebrada em um encontro que contou com palestras de pesquisadores das áreas de biblioteconomia e ciência da informação e representantes de bibliotecas de outras universidades.

A coordenação executiva do repositório foi conduzida pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB), sob a liderança de Flávia Maria Bastos e a coordenação acadêmica de Silvana Aparecida Vidotti, professora da **Unesp** em Marília e assessora da Pró-Reitoria de Pós-Graduação. O Núcleo de Educação a Distância da Unesp (NEaD) viabilizou o armazenamento do repositório emprestando seus recursos computacionais.

Flávia destaca o método empregado no desenvolvimento do repositório. Em vez de incluir as informações manualmente na base, foi usado um moderno protocolo de busca por metadados, o Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting, mais conhecido pela sigla OAI-PMH ou apenas pelo termo “harvesting”. “Em parceria com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Plácida Santos, do Câmpus de Marília, foi possível estabelecer um conjunto de metadados específicos para a **Unesp**, que é basicamente o que nos permite armazenar, preservar, divulgar e dar acesso público ao conhecimento científico que nós produzimos”, detalha.

A **Unesp** adotou o software livre DSpace, o mais utilizado no mundo para a criação de repositórios. A CGB também usa o Sherpa/RoMEO, um serviço eletrônico de consulta para identificar as políticas de licença de cada artigo (acesso aberto ou restrito a pagamento) e também condições de armazenamento de cada publicação, afinal, há periódicos que permitem



Flávia e Silvana coordenaram implantação do repositório

armazenamento completo, outros apenas após período de embargo, e ainda há os que não o permitem. “É importante destacar que, no repositório, o pesquisador poderá ter acesso até mesmo a artigos de acesso restrito, por meio de um link”, ressalta Flávia. Ela explica que, a exemplo das maiores Universidades do mundo, a **Unesp** realiza a assinatura de periódico, permitindo ao pesquisador ter acesso inclusive remoto a partir da Virtual Private Network (VPN).

EVENTO

Para celebrar o primeiro ano do repositório, a **Unesp** organizou em São Paulo um evento com duas partes. A primeira, na sala do Conselho Universitário, na Reitoria, voltada para os diretores de unidade, na parte da manhã. A outra, à tarde, no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade, em que pesquisadores e profissionais discutiram o desenvolvimento de repositórios institucionais.

Na abertura do evento, a vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge destacou a importância dessa ferramenta de armazenamento de informações para o avanço da ciência. “No



caso das universidades brasileiras que são financiadas com recursos públicos, é fundamental garantir a publicidade e o acesso a tudo o que foi gerado”, enfatiza.

Em uma videopalestra, Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor-científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), enfatizou o caráter exemplar do desenvolvimento do repositório. “O Brasil com essa iniciativa apresenta um novo valor, uma nova forma de pensar a informação científica na comunidade científica”, disse.

O vice-reitor da Universidade do Minho, em Portugal, Rui Vieira de Castro, detalhou a experiência portuguesa sobre esse tema e destacou o trabalho da **Unesp**. “Essa iniciativa brasileira é significativa num momento em que o mundo discute um acesso aberto às novidades científicas para que elas cheguem mais rapidamente à sociedade, aos setores da educação e aos próprios pesquisadores.”

PALESTRAS

Do encontro na parte da tarde participaram Milton Shintaku, do Instituto Brasileiro de



Vieira de Castro, com a vice-reitora Marilza: elogio à Unesp

Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict); Abel Packer, da Scientific Electronic Library Online (SciELO); e Rosaly Favero Krzyzanowski, diretora da Biblioteca Virtual da Fapesp; além de Silvana Aparecida Vidotti, da **Unesp**.

Shintaku falou sobre a necessidade de parâmetros claros de indexação que facilitem o uso da webometria (indicadores de busca em base de dados, como palavras-chave dos estudos por exemplo). Ele destacou ainda a importância de ferramentas de busca como o Google acadêmico e falou dos rankings de repositórios. “Como em outros rankings de natureza científica, os repositórios são avaliados não só pelo volume cadastrado, mas também pelo fator de impacto das publicações e dos autores”, enfatizou.

Rosaly abordou a experiência na criação da Biblioteca Virtual da Fapesp, composta por informações das pesquisas apoiadas pela agência paulista. A dirigente também analisou a parceria a ser estabelecida a partir da integração dos repositórios de **Unesp**, USP e Unicamp, para que eles enviem

informações referentes ao nome da agência de fomento e número de processo das pesquisas apoiadas pela Fapesp.

Após parabenizar a **Unesp** pelo avanço rápido de seu repositório, Packer destacou que a América Latina é a região do mundo que proporcionalmente mais comunica pesquisa científica de acesso aberto, com o Brasil na dianteira. “Na região, a cooperação científica internacional tem muita influência”, diz ele.

Silvana destacou a necessidade de os pesquisadores darem mais detalhes sobre as fontes e as formas de financiamento. “Em alguns estudos, o cientista apenas agradece à agência de fomento, mas é necessário dizer que tipo de recurso foi disponibilizado, se aquela publicação é fruto desse financiamento e de quais outros, por exemplo”, explica. Segundo a professora da **Unesp**, isso tem importância para a indexação das publicações e para o alcance de sua busca nas bases de dados.

A experiência da **Unesp** influenciou o modo de criação do repositório da Unicamp, que já conta com mais de 80 mil publicações. A Fapesp deverá exigir também que todo pesquisador de USP, **Unesp** e Unicamp que solicitar recursos da Fundação tenha sua produção indexada no repositório do Cruesp. Além da produção científica, o repositório da **Unesp** deve conter no futuro trabalhos artísticos e material administrativo e técnico. “Assim, estaremos preservando e difundindo de fato toda a produção intelectual da **Unesp**”, afirma Silvana.



Shintaku defendeu criação de rankings de repositórios



Pesquisa científica de acesso aberto foi discutida por Packer



Rosaly analisou criação da Biblioteca Virtual da Fapesp

Fotos Cíntia Leone

Ciência para o bem do país

Pró-reitores de Pesquisa e Pós-Graduação debatem como garantir que a crescente produção científica brasileira gere benefícios sociais e econômicos

Daniel Patire

Como garantir que a crescente produção científica brasileira tenha um significativo impacto social e econômico no país? Esse desafio marcou os debates entre representantes de 211 instituições de ensino superior integrantes do Fórum de Pró-reitores de Pós-graduação e Pesquisa (Foprop), nos dias 19 a 21 de novembro. Os dirigentes se reuniram no XXX Encontro Nacional de Pró-reitores de Pesquisa e de Pós-Graduação (Enprop), em Águas de Lindoia (SP).

Com o tema "Universidade e sociedade: um diálogo necessário", o evento que marcou os 30 anos de criação do Fórum fez também um balanço de sua atuação na ampliação da produção científica brasileira e na superação de algumas assimetrias regionais, por meio de propostas de políticas públicas e do intercâmbio de experiências entre os participantes.

Pelos dados da última avaliação trienal 2010-2012 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o país conta com 3.337 programas de pós-graduação, que compreendem 5.082 cursos, sendo 2.893 de mestrado, 1.792 de doutorado e 397 de mestrado profissional. Em 2012, foram publicados 171.969 artigos em periódicos científicos, o que confere ao país a 13ª colocação em um ranking mundial de produção intelectual, em 2013; e o número de estudantes que obtiveram título de mestre ou doutor teve um salto de mais de 21%, passando de 50.411, em 2010, para 60.910, em 2012.

"O tema do nosso encontro é uma proposta para encontrarmos caminhos para que o crescimento da pesquisa no país se reverta em desenvolvimento econômico e social", disse a pró-reitora de Pesquisa da Unesp, Maria José Soares Mendes Giannini, presidente da comissão organizadora dessa edição do Enprop.

INTERAÇÃO E INOVAÇÃO

A questão enfatizada por Maria José foi o cerne das discussões nas cinco mesas-redondas e quatro conferências programadas. Os palestrantes focaram a necessidade de uma maior aproximação entre

as universidades, empresas e governos, como forma de transferência do conhecimento para a produção e, assim, a geração de riquezas para o país.

"A inovação se dá no instante em que as pesquisas se transformam em produto", salientou Arlindo Philippi Júnior, professor da USP e membro do Conselho Superior da Capes. "Mas devemos reforçar os esforços para que essa inovação seja acompanhada de inclusão, para que ela seja realmente transformadora."

Philippi foi um dos palestrantes do evento, além do ministro Clélio Campolina Diniz, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), do presidente da Capes Jorge Almeida Guimarães, e de representantes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da Academia Brasileira de Ciências e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Diniz abordou o carro-chefe atual do seu ministério, o Programa Nacional das Plataformas de Conhecimento (PNPC). Lançado em 25 de junho pela presidente Dilma Rousseff, o programa reúne os Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação, da Educação e do Desenvolvimento, em torno de análises de temas centrais para o país, como petróleo, aeronáutica e bioenergia.

Por meio do PNPC, podem ser constituídos arranjos público-privados para a articulação de competências com base numa infraestrutura de ciência e tecnologia e inovação avançada, envolvendo universidades, instituições de pesquisa e empresas. "As políticas públicas voltadas a diminuir as desigualdades sociais, muito importantes nas últimas décadas, têm um limite. E apenas com o avanço da produção, a partir da educação, ciência e tecnologia, poderemos alcançar uma sociedade menos desigual", salientou.



Fotos Daniel Patire

Encontro reuniu representantes de 211 instituições de ensino superior de todo o país



Ministro Diniz abordou temas como arranjos público-privados



Aumento de recursos para o setor é preocupação de Guimarães



Para Maria José, pesquisa deve ter efeito econômico e social

MAIS RECURSOS

Guimarães destacou que os países com maior produtividade científica aplicam mais de 2% de seu Produto Interno Bruto (PIB) em pesquisa e inovação. O Brasil está hoje em 13º lugar no ranking da produção científica, e almeja estar entre os dez primeiros até 2024, de acordo com os Planos Nacionais de Pós-Graduação e de Educação. "Para melhorarmos nos rankings ou aumentar o impacto de nossa pesquisa é preciso aumentar o investimento e alcançar os 2% do PIB", destacou o presidente da Capes.

Também participaram das mesas-redondas representantes das empresas Microsoft e Padtec, e o diretor técnico de operações do Parque Tecnológico de São José dos Campos, Elso Alberti Júnior. "Os diversos parques tecnológicos do Estado de São

Paulo procuram promover a interação entre empresas e universidades, como também incubar novas empresas nascidas a partir de pesquisas científicas e do empreendedorismo dos pós-graduandos", destacou Alberti.

Para a presidente da SBPC Helena Nader, a pesquisa no Brasil é realizada, quase que em sua totalidade, pelas universidades e, dentro delas, pelos Programas de Pós-graduação. "Nos últimos quatro anos, há uma queda acentuada do investimento do governo federal em pesquisas", apontou a dirigente. "Devemos exigir que parte dos recursos obtidos com o petróleo seja também alocada para a pesquisa, como será para a educação e a saúde."

Isac Almeida de Medeiros, presidente do Foprop, assinalou que o encontro reforçou a



Universidade deve interagir com comunidade, segundo Medeiros

importância da luta por mais recursos para a pesquisa e a pós-graduação. "E contribuiu para que cada participante procure em sua universidade a melhor forma de interagir com suas comunidades locais", concluiu.

Jabuti premia docentes e Editora Unesp

Professores se destacaram nas categorias Ciências Naturais e Ciências Exatas, Tecnologia e Informática; obra da editora ficou entre principais trabalhos na categoria Tradução

Três professores da **Unesp** e uma publicação da editora da Universidade ficaram entre os agraciados com o Prêmio Jabuti de 2014. O anúncio dos escolhidos aconteceu no dia 16 de outubro e a cerimônia de premiação foi realizada no dia 18 de novembro, no Auditório Ibirapuera, em São Paulo.

Na categoria Ciências Exatas, Tecnologia e Informática, Rogério Rosenfeld, docente e diretor do Instituto de Física Teórica da **Unesp**, Câmpus de São Paulo, obteve o segundo lugar, com o livro *O cerne da matéria – A aventura científica que levou à descoberta do bóson de Higgs*, publicado pela Editora Companhia das Letras.

Os professores Célio Fernando

Baptista Haddad, do Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, e Cynthia Peralta de Almeida Prado, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Câmpus de Jaboticabal, ficaram com o terceiro lugar na categoria Ciências Naturais, pelo *Guia de anfíbios da Mata Atlântica – Diversidade e biologia*, publicado pela Editora Anolis Books. Eles dividem a autoria desse trabalho com quatro outros pesquisadores: Luís Felipe Toledo, da Universidade de Campinas; Daniel Loebmann, da Universidade Federal do Rio Grande (RS); João Luiz Gasparini, da Universidade Federal do Espírito Santo; e Ivan Sazima, professor aposentado da Unicamp. O livro *Antologia da poesia*

clássica chinesa, publicado pela Editora Unesp, alcançou o segundo lugar na categoria Tradução. Os textos foram vertidos para o português por Ricardo Primo Portugal.

PROFESSORA DO REDEFOR

Na categoria Educação, o primeiro lugar foi conquistado pela obra *Tenho um aluno surdo, e agora?*, organizada por Lara Ferreira dos Santos e pela professora autora do Redefor Educação Especial e Inclusiva Cristina Broglia Feitosa de Lacerda. O Programa Rede São Paulo de Formação Docente, ou Redefor, é resultado de um convênio da Secretaria da Educação de São Paulo com **Unesp**, USP e Unicamp.



Daniel Patire

Da esq. para a dir.: José Arana Varella; Rosenfeld; Jezio Gutierrez; Portugal; José Castilho Marques Neto e Roberval Daiton Vieira

Convênio com o Ministério Público

A **Unesp** e o Ministério Público do Estado de São Paulo (MP) assinaram convênio no dia 22 de outubro, na Reitoria, em São Paulo. A parceria entre a Universidade e o Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional – Escola Superior do Ministério Público de São Paulo (Ceaf/ESMP) vai estabelecer e regulamentar um amplo programa de cooperação acadêmica para desenvolvimento de atividades de pesquisa aplicada e de formação profissional.

A primeira atividade em conjunto será o Curso de Aperfeiçoamento para Agentes Políticos do Ministério Público Brasileiro, a ser concretizada

por meio do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Unesp (Ippri) e do Ceaf/ESMP.

A assinatura teve a presença do reitor e da vice-reitora da **Unesp**, respectivamente, Julio Cezar Durigan e Marilza Vieira Cunha Rudge; do chefe de Gabinete Roberval Daiton Vieira; dos promotores de Justiça Marcelo Pedroso Goulart, Paulo Henrique de Oliveira Arantes, Eduardo Tostes e Daniel Serra Azul Guimarães; do assistente da Diretoria José Roberto Porto de Andrade Júnior; e de Marco Aurélio Nogueira e Cláudio José de França e Silva, respectivamente diretor e coordenador de Planejamento do Ippri.

Fabiana Manfrim



Representantes da Unesp e do MP na assinatura do compromisso

China saúda Instituto Confúcio na Unesp

Em setembro, foi comemorado em todo o mundo o aniversário dos 10 anos do Instituto Confúcio. Para festejar a data, o Instituto Confúcio na Unesp, que por duas vezes, em 2010 e 2012, recebeu o prêmio mundial de melhor do ano, realizou diversas atividades sobre a cultura e a língua chinesas para o público adulto e infantil.

Xu Lin, chefe executiva do Confucius Institute Headquarters e diretora geral do Hanban, encaminhou ao reitor da **Unesp**, Julio Cezar Durigan, documento em que agradece “pelo grande apoio e sincera devoção ao Instituto Confúcio nos últimos dez anos”.

Ela encaminhou ainda cartas de cumprimentos de Xi Jinping e Li Keqiang, respectivamente, o presidente e o primeiro-ministro e chefe de governo da República Popular da China.

SOBRE O INSTITUTO

O Instituto Confúcio na Unesp faz parte de uma rede de mais de 440 Institutos Confúcio em 120 países, que têm por missão o ensino e a promoção da língua e da cultura chinesas. Está presente na capital e em 12 das cidades em que a **Unesp** mantém unidades de ensino. Iniciou as atividades de ensino em 2009 e já atendeu mais de 3,5 mil alunos.



Divulgação

Instituto recebeu premiação mundial em 2010 e 2012

Informações
<www.institutoconfucio.unesp.br>.
<secretaria@institutoconfucio.unesp.br>.
<(11) 2066-5950>.

Acordo com a ParisTech pelo duplo-diploma

Grupo formado pelas doze mais prestigiadas universidades de Engenharia da França, a ParisTech inicia, em 2014, sua parceria com a **Unesp** para aquisição de duplo-diploma. Neste mês de outubro, o coordenador de Relações Internacionais para a América Latina do grupo, Jean-François Naviner, esteve no Ipiranga, em São Paulo, para o processo de seleção dos primeiros alunos. A seleção envolve, além da

prova, análise do histórico e do currículo escolar e uma entrevista de motivação. A proposta é que no duplo-diploma o aluno estude dois anos na França.

“A **Unesp** é uma das grandes universidades do Estado de São Paulo. Como nós já trabalhávamos com as outras duas universidades públicas do Estado, essa parceria foi algo lógico e relativamente fácil de estabelecer”, afirma o professor. A página oficial da instituição

francesa aponta que um terço dos quase 20 mil estudantes são estrangeiros. Número que, segundo o especialista francês, sobe para 45% no mestrado e para até 60% no doutorado de algumas das escolas que compõem o grupo.

Para mais informações sobre a parceria com a **Unesp**, visite
<<http://goo.gl/F2bAi4>>.

Professora na Academia Portuguesa da História

Uma sessão extraordinária da Academia Portuguesa da História ocorrida no dia 8 de outubro oficializou Susani Silveira Lemos França, professora da **Unesp** de Franca, como acadêmica correspondente brasileira da entidade. Susani havia sido eleita para esse cargo em julho deste ano.

Os acadêmicos correspondentes brasileiros da Academia são em número máximo de 20, sendo os demais acadêmicos desse tipo distribuídos entre portugueses (80), cidadãos dos demais países de expressão portuguesa (10), e nacionais de outros países (80). A eleição para acadêmicos correspondentes recai, como consta nos estatutos da instituição, “em pessoas que tenham demonstrado a sua competência pela publicação de importantes estudos de investigação e crítica”.

Desde o mestrado, Susani realiza pesquisas sobre a história portuguesa, que se intensificaram a partir de 1993, quando iniciou seu doutoramento na Universidade de Lisboa. De volta ao Brasil, continuou a se dedicar à compreensão de Portugal do final da Idade Média, com estudos e orientação de trabalhos. “Foi essa experiência

que permitiu vincular-me, em 2010, ao grupo luso-brasileiro Raízes Medievais do Brasil Moderno, coordenado no Brasil pela professora Maria Eurydice de Barros Ribeiro (Universidade de Brasília) e, em Portugal, pela professora Manuela Mendonça, atual presidente da Academia Portuguesa da História”, esclarece.

O grupo, formado por docentes de universidades dos dois países e também por membros da Academia portuguesa, realiza eventos e publicações em livros e dossiês de revistas. Em junho, o Câmpus de Franca acolheu um dos encontros da equipe. “Foi nessa altura que fui informada da minha indicação, juntamente com a professora Dulce Amarante dos Santos, da Universidade Federal de Goiás, para ser membro da Academia”, comenta a historiadora. “Essa conquista, de elevado valor pessoal e profissional, vem também felizmente ao encontro do esforço de internacionalização da **Unesp**, que tem criado condições para a projeção dos seus quadros.”

Informações:
<geral@academiaportuguesadahistoria.gov.pt>
<http://academiaportuguesadahistoria.gov.pt>



Divulgação

Susani (dir.) e Dulce foram indicadas para entidade lusitana

Clássicos da literatura, em palestra na Sorbonne

Professor da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus da **Unesp** de Assis, Carlos Eduardo Mendes de Moraes realizou, no dia 4 de outubro, na Universidade de Paris-Sorbonne, na França, a palestra “Reflexões acerca do ensino de uma cultura clássica”. A apresentação integrou as Jornadas Franco-Brasileiras do Programa de Licenciatura Internacional 2014-2015, que reúne instituições dos dois países.

Em sua palestra, Moraes analisou a importância do conhecimento dos autores clássicos – tanto da antiguidade como de seus sucessores – na formação do estudante de Letras.

O pesquisador realizou a graduação em Letras (Português/Francês) no Câmpus de **Unesp** de São José do Rio Preto, onde também fez seu mestrado em Letras, abordando a poesia latina no Brasil colônia. O período colonial do país esteve presente também no seu doutorado, na FFLCH-USP, que focalizou as academias literárias nessa fase da história nacional, e no pós-doutorado, realizado na Universidade de Coimbra, em Portugal, em que foram discutidos autores das Academias Brasileiras



Divulgação

Moraes, em sua apresentação: boa leitura para formar o aluno

dos séculos XVII e XVIII.

É professor nas disciplinas Cultura Clássica e Literatura Latina (graduação) e Fundamentos da Literatura Brasileira (pós-graduação), com diversos trabalhos orientados ou em orientação, em nível de mestrado e doutorado.

Líder do grupo de pesquisa A Escrita no Brasil Colonial e suas Relações, Moraes é autor de diversos trabalhos sobre o tema, entre os quais o livro *Erotismo e religiosidade: romances de Antônio da Fonseca Soares sobre mulheres*, lançado pela Editora Unesp, do qual foi o organizador.

SEMPRE UNESP

Entre dois países, sempre na educação



A vida pessoal e os estudos de Flávia Silva Cruz Brunner estão divididos entre dois países. Nascida em Presidente Prudente (SP) e egressa do câmpus local da **Unesp**, ela realizou seu doutorado na Alemanha, onde reside e este ano publicou sua tese como livro.

Na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), fez os cursos de licenciatura em Geografia, entre 1995 e 1998, e de Pedagogia, de 1999 a 2002. Ainda estudante da Pedagogia, em 2001, foi aprovada no mestrado em Educação. Cursou as disciplinas do programa e fez a pesquisa de campo referente à dissertação, que tratou do papel de igrejas pentecostais da Assembleia de Deus na educação de valores da população da periferia de Presidente Prudente.

De 1999 a 2002, atuou profissionalmente em projetos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a professora Fatima Furlanetti, da FCT, além de trabalhar na rede privada de ensino, lecionando Geografia.

Emigrou para a Alemanha em dezembro de 2002, alguns meses depois de casar-se.



Divulgação

Flávia, na Alemanha: tese saiu em livro

Na cidade de Erlangen, dedicou-se a escrever a dissertação de mestrado, que apresentou em maio de 2004.

Com o objetivo de realizar seu doutorado, em julho de 2005 entrou em contato com o professor Claus Mühlfeld, na Universidade de Bamberg. “Por ter sido unespiana, e a **Unesp** gozar de uma boa reputação, meus documentos foram aceitos para o doutorado em Educação”, conta. Em terras alemãs, Flávia fez estágios,

trabalhou e participou de pesquisas – sempre no campo da educação de crianças.

Teve sua licenciatura em Geografia reconhecida pelo Estado de Hamburgo, em fevereiro de 2013. A tese de doutorado foi defendida em dezembro de 2012 e inicialmente publicada on-line. Em 2014, a editora da universidade, a University of Bamberg Press, lançou o trabalho em livro. Neste ano, ela também obteve a revalidação de grau pela USP e, agora, espera ver sua tese de doutorado lançada em seu país natal. “Acredito que o tema do doutorado é deveras relevante e deveria ser publicado no Brasil, já que o texto se encontra em português também”, diz a pesquisadora.

Jaboticabal é destaque em evento de nutrição animal

Dois trabalhos do câmpus receberam premiações durante congresso latino-americano

Mariana Trevisoli – Assessoria de Imprensa da FCAV/Jaboticabal

Fotos divulgação



Daniella, 1º lugar com estudo sobre efeito de aminoácido em frangos de corte

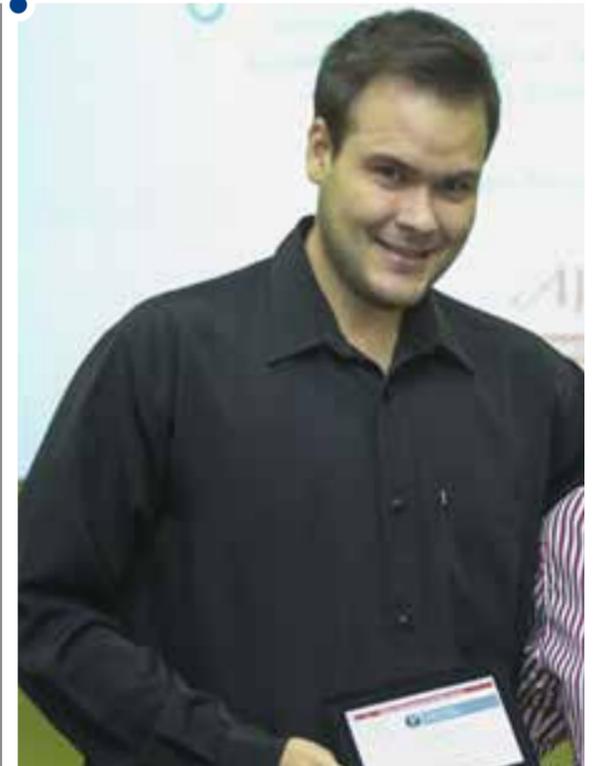
De 23 a 26 de setembro, foi realizado na cidade de São Pedro (SP) o VI Congresso Latino-americano de Nutrição Animal (Clana). Durante o evento, aconteceu a entrega do 3º Prêmio Ajinomoto de Nutrição Animal, que destacou dois trabalhos da **Unesp** de Jaboticabal, ambos orientados pela professora Nilva Kazue Sakomura, do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV).

Recém-doutora em Zootecnia pela **Unesp** de Jaboticabal e atual assistente acadêmica do câmpus, Daniella Carolina Zanardo Donato obteve o 1º lugar na categoria Trabalho Científico Apresentado como Resumo Expandido, com o estudo “Resposta de frangos de corte ao consumo de aminoácido”, de autoria de Daniella, da professora Nilva e de Edney Pereira da Silva.

O aluno de doutorado em Zootecnia Juliano Cesar de Paula Dorigam recebeu o 2º lugar da categoria Trabalho Científico Publicado na Íntegra, com “Reavaliação da exigência de lisina digestível em frangos de corte baseada no potencial genético”, de autoria de Juliano e da professora Nilva, de Luciano Hauschild, Edney Pereira da Silva, Hilda Cristina Palma Bendezu e João Batista Kochenborger Fernandes.

“É muito gratificante ter nossas pesquisas reconhecidas. É um sinal que a nossa linha de pesquisa está atendendo à demanda tanto das empresas quanto das universidades”, declarou a docente Nilva.

Mais informações podem ser obtidas com a professora Nilva pelo e-mail: [<sakomura@fcav.unesp.br>](mailto:sakomura@fcav.unesp.br).



Juliano obteve 2º lugar com avaliação de exigência lisina em frangos

Empresa jr. vence disputa nacional

Wilgli Renan

Divulgação



A equipe vencedora (da esq. para a dir.): Matheus, Carla, Leandro e Leonardo

A Alicerce, empresa júnior de Engenharia Civil da **Unesp** de Ilha Solteira, foi a grande vencedora do I Desafio Júnior de Casos, que ocorreu em outubro, em São Paulo. A competição, realizada com 60 empresas juniores de todo o Brasil, foi organizada pela FEA Junior USP, em parceria com a multinacional Dow Chemical Company e a empresa Fastshop. A disputa contou com professores jurados da FEA-USP, do Insper, da FEARP-USP e da ESALQ-USP, para avaliar a primeira fase. Uma banca de altos executivos da Dow realizou a correção da segunda

fase e uma banca conjunta foi formada para a apresentação final.

A competição teve uma fase curta, com 40 empresas selecionadas, que tiveram 48 horas para resolução de um “fast case”. As 10 melhores foram classificadas para a segunda fase, composta por um caso longo. Nessa fase, as empresas foram divididas em duas chaves para resolver casos diferentes, um do segmento de engenharia e outro do de administração.

Os estudantes Carla Lopes, Leandro Guimarães, Leonardo Oliveira e Matheus Zerbetto foram os representantes da

Alicerce Jr. e tiveram dez dias para resolver o caso longo e entregar uma apresentação de até 50 slides. Durante dois dias, eles conversaram com executivos da Dow e da McKinsey Brazil, que auxiliaram na resolução dos casos.

A apresentação final foi realizada na sede da Dow, em São Paulo. A Alicerce Jr. obteve a maior nota na chave de engenharia e a Consultoria Júnior Pública – FGV obteve a maior nota na chave de administração. Ocorreu então a reapresentação das vencedoras para determinar a melhor apresentação – e a Alicerce Jr. foi considerada campeã.

Equipe obtém menção honrosa em aerodesign

A equipe AeroFEG de Aerodesign, coordenada pelo professor Marcos Valério Ribeiro, da **Unesp** de Guaratinguetá, recebeu a Menção Honrosa de Eficiência Estrutural, entre 70 participantes da Classe Regular da 16ª Competição SAE Brasil de Aerodesign, em São José dos Campos (SP). Eficiência estrutural envolve a carga transportada dividida pelo peso da aeronave vazia.

O evento ocorreu de 30 de outubro a 2 de novembro. Ao todo, participaram 85 equipes, que representaram 16 Estados brasileiros e o Distrito Federal, além de uma equipe da Polônia, quatro da Venezuela e uma do Peru

– num total de 770 participantes. Foram quatro dias de competição, sendo que um dia foi para a disputa de projeto e os três restantes para a de voo.

O Projeto AeroDesign é um programa organizado pela Seção São José dos Campos da SAE Brasil. Seu objetivo é propiciar a difusão e o intercâmbio de técnicas e conhecimentos de engenharia aeronáutica entre estudantes de graduação e pós-graduação em Engenharia, Física e Ciências Aeronáuticas e futuros profissionais do segmento.

“As competições estudantis da SAE Brasil são provas de engenharia criadas para desafiar os jovens a colocar em prática o conhecimento técnico adquirido em salas de aula”, analisa Ricardo Reimer, presidente da SAE Brasil.

Filiada à SAE International, a SAE Brasil é uma associação que reúne engenheiros, técnicos e executivos com o objetivo de disseminar técnicas e conhecimentos relativos à tecnologia da mobilidade, nas suas variantes terrestre, marítima e aeroespacial.



Time da AeroFEG se destacou na área de eficiência estrutural

Informações: [<http://goo.gl/ZAef6Q>](http://goo.gl/ZAef6Q).

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Agência celebra cinco anos com saldo positivo



Maristela Garmes

O simpósio Desafios Nacionais e Globais para Inovação no Brasil, realizado em São Paulo, no dia 11 de novembro, marcou o 5º aniversário da Agência Unesp de Inovação (AUIN). A cerimônia teve a participação de autoridades governamentais, de diretores de órgãos de fomento, centros e institutos de pesquisas, e de grandes empresas.

Vanderlan da Silva Bolzani, diretora executiva da AUIN, disse que, em cinco anos de atividade, a Agência registrou 277 comunicações e invenções, 104 pedidos de patentes e 24 licenciamentos recentes, além de um depósito internacional. “Temos muito a construir. O nosso sonho é minimizar a dissonância entre o número de publicações e o número de patentes”, enfatizou.

O chefe de Gabinete da Unesp, Roberval Daiton Vieira, representando o reitor Julio Cezar Durigan, ressaltou que a Agência desempenha um papel fundamental não só na geração de conhecimento, como também na produção de tecnologia a ser transferida.

José Arana Varella, diretor-

presidente da Fapesp, e professor do Câmpus de Araraquara, e os reitores Marcos Macari e Herman Jacobus Cornelis Voorwald (atual secretário da Educação do Estado) foram homenageados ao final do simpósio.

O evento também contou com uma mesa-redonda formada pelo pró-reitor de Extensão e Cooperação do ITA, Anderson Ribeiro Correia, pelo diretor de Inovação da Braskem, Paulo Luiz de Andrade Coutinho, e pelo diretor de Desenvolvimento Tecnológico da Embraer, Fernando Ranieri.

Participaram também da programação Paulo Sérgio Lacerda

Beirão, diretor de Cooperação Institucional do CNPq; Glauco Arbix, presidente da Finep; Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da Fapesp; Fernando Galembeck, diretor do Laboratório Nacional de Nanotecnologia; Sandrine Kergroach, diretora de Ciência, Tecnologia e Indústria da OCDE; Maria José Soares Mendes Giannini, pró-reitora de Pesquisa da Unesp; e Sidney José Lima Ribeiro, assessor da AUIN.

Mais informações sobre a Auin em <http://goo.gl/fSsUCO>.



A pró-reitoria Maria José, os reitores Macari e Voorwald, os professores Varella e Vanderlan e Roberval Daiton Vieira

Chello Fotógrafo

Projeto da Unesp vence Prêmio Santander

Daniel Patire

O pós-graduando da Unesp Julio Oliveto Alves foi um dos vencedores do Prêmio Santander Universidades, na categoria Empreendedorismo 2014. Ele venceu com o projeto Livre – Sistemas Motorizados Multifuncionais, com plano de negócios de abertura de empresa para desenvolvimento e comercialização do Radical, um kit para conversão de cadeiras de rodas manuais em triciclos elétricos, entre outros produtos adaptáveis. A premiação aconteceu no dia 5 de novembro, na capital paulista.

O sistema foi desenvolvido como resultado do mestrado de Alves, sob a orientação do professor Victor Orlando Gamarra-Rosado.

Além do prêmio, o projeto Formação Contínua de Professores, elaborado pelo Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas (Cenepp), foi indicado entre os três finalistas no Prêmio Santander – Guia do



A professora Sheila, o orientador Gamarra-Rosado, o pró-reitor Colvara, o pós-graduando Alves e Maria de Lourdes Spazziani

Estudante, na categoria Formação Docente. O Cenepp é uma iniciativa pioneira da Unesp para aprimorar a formação pedagógica e o desenvolvimento profissional de seus professores.

O evento contou com a presença do governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin; do pró-reitor de Graduação Laurence Duarte Colvara; de Sheila Zambello de Pinho, diretora-presidente da Fundação para o Vestibular da Unesp (Vunesp); da assessora da

Pró-reitoria de Graduação Maria de Lourdes Spazziani; do staff do Banco Santander e do projeto Santander Universidades.

Mais informações sobre o Livre em <http://www.kitlivre.com/>.

Saiba mais sobre o Cenepp em <http://goo.gl/MyJEAu>.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Nelson Baeta Neves Filho

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA: Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA: Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO: Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS: José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba), Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-Araçatuba), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Silvana Artioli Schellini (FM-Botucatu), Maria Dalva Cesarino (IB-Botucatu), José Paes de Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre Monteiro de Figueiredo (Dracena), Célia Maria David (FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira (FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues (FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva), Maria Cristina Thomaz (CAV-Jaboticabal), José Carlos Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias (Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente), Reginaldo Barboza da Silva (Registro), Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre (IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana), José Roberto Ruggiero (Ibilce-São José do Rio Preto), Carlos Augusto Pavanelli (ICT-São José dos Campos), Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Rogério Rosenfeld (IFT-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti (CLP-São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e Danilo Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cíntia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Denio Maués, Mariana Trevisoli, Maristela Garmes, Ricardo Schinaider de Aguiar e Wigli Renan (texto); Adriana Bragatin, Chello Fotógrafo, Fabiana Manfrim, Luiz Machado e Suelen Magalhães (foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções (diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola) (diagramadores: Bruna Rodrigues, Caio Domingues, Jéssica Teles, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 16.100 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<http://unan.unesp.br/>
Rádio Unesp:
<http://www.radio.unesp.br/>
TV Unesp:
<http://www.tv.unesp.br/>

TECIDO DO TEMPO

Na exposição “Sudários”, Alcindo Moreira Filho reflete sobre o sentido da arte como uma expressão de mundo

Oscar D'Ambrosio

Professor aposentado do Instituto de Artes (IA) da **Unesp**, o artista plástico Alcindo Moreira Filho realizou, em outubro, a exposição “Sudários”, na Reitoria da **Unesp**. A atividade se insere no Projeto 15x15, parceria entre a Universidade, por intermédio de seu Comitê de Artes e Cultura, ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária, e a Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo.

A exposição apresentou algumas das características do artista. A principal é o desnudar o constante senso do estético que o seu trabalho traz. Sua obra como um todo está na mescla entre o contemplar atento do universo e o fazer aprimorado. Ao utilizar grandes superfícies e se valer da oxidação como recurso plástico, ele apresenta uma obra que funciona em grandes proporções, mas também encanta em escala menor.

Se o título remete a um aspecto religioso, a prática conduz a um pensar sobre o sentido da própria arte como uma expressão de mundo. As perguntas que os sudários de Moreira Filho trazem à tona estão particularmente conectadas com a passagem do tempo. É a ação dele que valoriza cada obra. É também ele que gera indagações sobre os caminhos da arte contemporânea.

As obras constituem, assim, impressões de um refletir e de um construir. O resultado é de forte impacto, seja pelo tamanho das peças seja pela maneira como são concebidas. Há intensidade e força visceral em cada gesto, o que oferece ao observador um novo mundo, que se distingue pela criatividade e por um saudável inconformismo.

Essa inquietação provém de uma jornada peculiar. Nascido em 1950, em Caconde (SP), Moreira Filho teve uma mãe professora, muito criativa, que a tudo atribuía um senso de pompa e circunstância estética; e um pai economista e administrador.

Desde criança, amava desenhar e realizar entalhes em madeira, com facas e garfos. Suas primeiras criações, na forma de artesanato, eram vendidas em Valinhos (SP), onde conheceu o modernista Flávio de Carvalho. Na região de Campinas, teve



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

Alguns dos “sudários”: obras apresentam contemplação atenta do universo e, ao mesmo tempo, uma confecção aprimorada

contato ainda com nomes como a poeta Hilda Hilst, além dos professores Alberto Teixeira e Luigi Zanotto.

Graduado em Artes Plásticas pela PUC-Campinas e com passagens por Espanha, Inglaterra e Itália, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o professor do IA ingressou naturalmente na docência.

Compulsivo no ato de criar, Moreira Filho valoriza muito a artesanaria, ou seja, o fazer. Adora experimentar as mais diversas técnicas e acredita que o conceito se faz presente na identidade que cada artista imprime ao seu trabalho. Por isso, não se qualifica como um artista, mas como um mumificador, que adora acumular e conservar coisas, ressignificando o sentido de cada uma delas.

Ao rever seus trabalhos antigos, Moreira Filho sente a alegria de ver como tem sido verdadeiro consigo mesmo. Nesse sentido, considera que a arte representa o ser de cada um. Especificamente no seu caso, seu interesse não está no corpo humano, mas nos objetos que o circundam, numa difícil e constante busca pela simplicidade.

Uma manifestação desse amor pelo cotidiano está no hábito de, enquanto está falando ao telefone ou vendo televisão, realizar rabiscos com caneta esférogáfica

preta. Essa prática, na qual já consumiu mais de 700 canetas, gerou um número imenso de imagens, constituindo material que poderá ser utilizado numa exposição.

Em seus ateliês, o professor guarda inúmeros utensílios de madeira e ferro, além das cadeiras em miniatura que coleciona. Regendo todo esse processo, está uma recusa a se desfazer dos objetos, pois um sapato, por exemplo, pode ganhar novas leituras.

O raciocínio do artista é produzir, guardar e, mais recentemente, organizar seu próprio acervo. Esse processo gera um conceito, pois a arte, para ser digna desse nome, precisa, segundo Moreira Filho, ter alma. Nesse aspecto, os sudários surgidos da oxidação são manifestação de impressões sobre o tecido ao longo do tempo, contando uma história que cabe a cada observador desvendar.

Itinerância:
Se houver interesse em levar a exposição “Sudários” para outra unidade da **Unesp** ou mesmo para outras localidades, encaminhe solicitação para o e-mail [<cac-l@listas.unesp.br>](mailto:cac-l@listas.unesp.br)

Ouç entrevista
<<http://goo.gl/Rou1rE>>



Luiz Machado

Exemplos de trabalhos do artista, que organiza seu acervo



Luiz Machado

Moreira Filho em ação: interesse nos objetos que o circundam